

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Efeito de Incongruência e Correlações Ilusórias em
Entitatividade: Fundamentos Básicos da Formação de
Impressões Grupais**

Raquel Teixeira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização em Cognição Social Aplicada

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Efeito de Incongruência e Correlações Ilusórias em
Entitatividade: Fundamentos Básicos da Formação de
Impressões Grupais**

Raquel Teixeira

Dissertação orientada pelo Prof. Dr. José Manuel Palma-Oliveira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização em Cognição Social Aplicada

2020

*“Psychologists are just people
who weren’t smart enough to be psychics”*

Gina Linetti

Índice

AGRADECIMENTOS	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
EFEITO DE INCONGRUÊNCIA E CORRELAÇÕES ILUSÓRIAS EM ENTITATIVIDADE: FUNDAMENTOS BÁSICOS DA FORMAÇÃO DE IMPRESSÕES GRUPAIS	10
1. CATEGORIZAÇÃO SOCIAL E IDENTIDADE SOCIAL.....	12
2. FORMAÇÃO DE IMPRESSÕES GRUPAIS	22
3. A ENTITATIVIDADE	25
4. ENVIESAMENTOS BÁSICOS DE PERCEÇÃO SOCIAL.....	29
OVERVIEW	37
ESTUDO I	40
MÉTODO	42
<i>Participantes</i>	42
<i>Instrumentos</i>	42
<i>Procedimento</i>	44
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
<i>Análise Fatorial Exploratória</i>	45
<i>Normalidade</i>	45
<i>Análise de Variância</i>	45
ESTUDO II	52
MÉTODO	52
<i>Participantes</i>	52
<i>Instrumentos</i>	53
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	55
<i>Esfericidade</i>	56
<i>Análise de Variância</i>	56
DISCUSSÃO GERAL	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS	71
REFERÊNCIAS	73

Índice de Figuras

Figura 1. Média das avaliações das Características do Grupo e Características do Bairro para a Alta e Baixa Entitatividade.....	44
Figura 2. Média das avaliações das Características do Grupo e Características do Bairro para a de Alta e Baixa Entitatividade e Julgamento Congruente e Incongruente.....	45
Figura 3. Média das avaliações das Características dos Habitantes e Confiança nas avaliações nas condições de Alta e Baixa Entitatividade e Julgamento Congruente e Incongruente.....	46
Tabela 1. Média e Desvio-Padrão das respostas das VD nas condições de Congruência e Incongruência para a variável Entitatividade.....	47
Figura 4. Média das estimativas de frequência de comportamentos estereotípicos e neutros nos grupos de Alta e Baixa frequência.....	54
Figura 5. Média das estimativas de frequência nos grupos de Alta e Baixa frequência e correlação elevada e moderada.....	56
Figura 6. Média das estimativas de frequência de comportamentos para os bairros de Chelas e Parque nas Nações nos grupos de correlação Elevada e Moderada.....	58

Índice de Anexos

Anexo A - Fotografias (Estudo I).....	74
---------------------------------------	----

Alta Entitatividade.....	74
Baixa Entitatividade.....	75
Anexo B – Descrições Comportamentais (Estudo I).....	76
Alta Entitatividade.....	76
Baixa Entitatividade.....	76
Anexo C - Instrução de Formação de Impressões (Estudo I).....	77
Alvo no Bairro.....	77
Alvo nos Habitantes.....	77
Anexo D – Escalas de Avaliação (Estudo I).....	78
Características dos habitantes e confiança na resposta.....	78
Características do grupo.....	79
Características do bairro.....	80
Anexo E – Lista de frases (Estudo II).....	81
Anexo F – Instruções experimentais (Estudo II).....	83
Anexo G – Folha de Frequência de Estimativas (Estudo II).....	84
Chelas.....	84
Parque das Nações.....	84
Anexo H – Consentimento Informado (Estudos I e II).....	85

Agradecimentos

Ao Professor José Manuel Palma-Oliveira, por ter aceite orientar esta tese e por inspirar desde o início a minha vontade de aprender mais. Foi indispensável na minha decisão sobre a área de mestrado e em tantas outras pelo caminho.

À Nádia Incansável Cristino, pelas horas de paciência que não podem ter sido fáceis de suportar e que mesmo assim passam despercebidas ao lado do que me ensinou durante estes meses. Academicamente e fora. Um especial obrigado à Vânia que foi arrastada para os confins metodológicos da minha tese e os decifrou de forma brilhante. Não tinha conseguido sem nenhuma das duas.

À Mariana, do fundo do coração, por ser a melhor amiga e companheira ao longo destes cinco anos. E parceira de natação sincronizada. É impensável conceber um mundo em que não tenhamos feito tudo isto juntas.

Ao João, pelos milhares de horas. Milhares, mesmo. Eu contei. E existem outros milhares por que falta agradecer-te. O Universo foi feito para ser visto pelos teus olhos.

Aos meus avós, por tudo.

Aos meus amigos pela paciência nos “hoje tenho que trabalhar...” e pelas gargalhadas nos “...mas vou na mesma”. Um obrigado especial à Carolina por me lembrar todos os dias, da forma mais idiota possível, que nunca estamos sozinhos.

E por fim, mas em mundo algum menos importante, à minha família, por estar inquestionavelmente presente para todas e quaisquer situações. Sou uma sortuda por poder comer as vossas sobremesas todas as semanas.

Resumo

A hipótese de que a identidade de lugar (IL) pode ser entendida pelos mesmos princípios definidos pela identidade social (IS) tem sido confirmada consecutivamente através da replicação dos componentes típicos da última em contextos de IL. Um destes componentes diz respeito à percepção de entitatividade através de fotografias de bairros e consequentes inferências psicossociais das características dos habitantes dos mesmos. A presente investigação traz uma nova perspectiva na compreensão destes resultados ao explorar a identidade de lugar como alvo de mecanismos sociocognitivos básicos, como o efeito de incongruência e correlações ilusórias baseadas na expectativa no contexto da identidade de lugar. Foram realizados dois estudos. Num primeiro foi demonstrada a influência da indução de comportamentos incongruentes com as expectativas nos julgamentos das características dos bairros e dos seus habitantes. Num segundo, demonstrou-se a formação de correlações ilusórias através da apresentação de nomes de bairros conhecidos pelos participantes juntamente com comportamentos típicos ou não típicos de membros desses bairros. Globalmente, estes resultados demonstram que as expectativas têm um papel essencial no processamento de informação sobre bairros e consequentemente nos seus julgamentos sobre os seus habitantes. Esta conclusão é particularmente interessante uma vez que a percepção social é feita puramente com base em objetos, i.e., casas e ruas, o que não é previsto pelos princípios de Cognição Social. Esta e outras implicações são discutidas.

Palavras-chave: identidade de lugar; identidade social; entitatividade; estereótipos; correlações ilusórias; efeito de incongruência

Abstract

The hypothesis that place identity can be understood by the same principles as those defined by social identity has been consecutively confirmed through the replication of typical social identity aspects in place identity contexts. One of these aspects is referring to the concept of entitativity and its' perception through photographs of neighborhoods and consequent inferences about the psychosocial characteristics of its' residents. The present investigation shines a new light into the comprehension of these results by exploring place identity as a target for basic socio cognitive mechanisms such as the incongruency effect and expectancy-based illusory correlations. Two studies were conducted. In the first one we demonstrated the influence of presenting behavioral information incongruent with expectations on the trait judgments of the neighborhood and its residents. In the second study, we demonstrated the formation of expectancy-based illusory correlations through the presentation of names of known neighborhoods aside with typical and untypical behaviors of members of such groups. Globally the results showed that expectations play a key role in the processing of neighborhood-related information and subsequent judgments about its residents. This finding is particularly interesting because social perception is based solely on objects, such as houses and streets and these results are not predicted by the principles of Social Cognition. This and other implications are discussed.

Key words: place identity; social identity; entitativity; stereotypes; illusory correlations; incongruency effect.

Efeito de Incongruência e Correlações Ilusórias em Entitatividade: Fundamentos Básicos da Formação de Impressões Grupais

Vivemos num mundo globalizado onde cada vez mais estamos constantemente rodeados por novas pessoas. Cada vez temos mais pessoas com quem precisamos de interagir. Cada vez temos mais informação social para processar e é fácil de nos perdermos a nós mesmos, exaustos, no caminho. Ou seria, não fossemos nós tão adaptativos. Encontramo-nos no meio de tantos outros através da nossa identidade; o que nos torna simultaneamente semelhantes e distintos. O que nos une a grupos de pessoas e o que nos diferencia, equilibrando a pertença com a individualidade. Assemelhando-nos a outros por características que partilham connosco e afirmando-nos pelas que são só nossas. Criando ligações e convicções mais fortes com os que se assemelham a nós por nos diferenciarmos de quem é diferente. E estas características, as que nos tornam num “eu” e num “nós” e a outros num “eles”, surgem dos mais diversos sítios, todos eles pessoal e socialmente relevantes. Sou mulher. Sou psicóloga. Sou ativista. Europeia. Portuguesa. Scalabitana¹. Vale Figueirense.

E é na relevância desta última dimensão em que se foca a presente investigação. Na importância do lugar onde vivemos, também à mais pequena escala, como elemento da identidade. O lugar enquanto um elemento que nos torna igualmente num “eu”, nós” e “eles” e no impacto que esta categorização tem na forma como pensamos sobre cada um destes alvos. Desde os anos 80 que a importância do lugar e a identidade a ele associada tem sido explorada por vários autores, contudo, sempre limitada uma componente da identidade pessoal (Proshansky, Fabian, & Kaminoff, 1983). A hipótese mais recente é a de que a identidade de lugar e grande parte das suas particularidades podem ser entendidas pelos mesmos princípios da identidade social. Para que a

¹ Designação para habitantes do distrito de Santarém.

identidade de lugar, conceito maioritariamente explorado pela Psicologia do Ambiente, seja concebida como uma forma de identidade social, seria necessário demonstrar que é possível produzir os mesmos efeitos típicos da identidade social, desde a discriminação entre grupos até aos efeitos básicos da Cognição Social, em contextos em que a identidade é determinada pelo local de residência.

Um vasto conjunto de dados confirmam esta hipótese. Serão explorados de seguida e em maior detalhe os contributos de vários autores para esta revisão da identidade de lugar enquanto forma de identidade social. Mais concretamente na linha de estudos de Bernardo e Palma-Oliveira ao longo dos anos, que comprovaram efeitos como estereotipização, discriminação, impacto da saliência, entre outros em contexto urbano e na qual esta dissertação se insere. De particular importância é a demonstração de entitatividade no contexto de identidade de lugar em que os sujeitos não só inferiram características sobre o bairro e os habitantes e formaram impressões, como o fizeram através de fotografias. Contudo, a relevância da presente investigação prende-se por ser a primeira a estudar processos psicológicos básicos da Cognição Social no contexto da identidade, mais concretamente o efeito de incongruência e correlações ilusórias baseadas na expectativa num contexto em que o alvo são grupos categorizados com base no lugar.

Para isto, serão realizados dois estudos para avaliar o papel das expectativas no processamento e organização de informação social sobre bairros. O primeiro estudo avaliou o efeito da indução de incongruência nos julgamentos de impressão sobre residentes de um bairro, tendo apenas como fonte de informação para a formação de expectativas fotografias do local e descrições comportamentais. O segundo estudo centrou-se igualmente no papel das expectativas e na formação de correlações ilusórias,

mas evocando os estereótipos do local através da apresentação do nome de dois bairros da cidade de Lisboa.

1. Categorização Social e Identidade Social

A divisão do mundo social em categorias é uma das ferramentas mais úteis para o dia a dia do ser humano. Este fenómeno tem o nome de Categorização Social, tal como definido por Turner (1985) e acontece quando é identificada uma característica socialmente relevante que é partilhada por um grupo de pessoas, quer seja essa característica percebida pelos membros do grupo, por pessoas de fora ou por ambas. Este processo de categorização transforma indivíduos num grupo. As vantagens e utilidade deste processo justificam a sua origem. Em primeiro lugar, definir o mundo social em as categorias permite um funcionamento eficaz que de outra forma seria impossível, poupando recursos cognitivos. Implicitamente associado à criação de categorias sociais estão um conjunto de características que são transportadas para todos os membros de um grupo, o que nos permite fazer inferências sobre pessoas individuais sem ter que analisar todos os aspetos particulares (Smith, Mackie, & Claypool, 2015). Este processo vai afetar a forma como pensamos, sentimos e agimos perante um membro de um determinado grupo. Por exemplo, é possível assumir com um elevado grau de confiança que um médico é capaz de prestar primeiros socorros sem ter que avaliar todos os aspetos únicos e específicos daquela pessoa em particular. A inclusão numa categoria, permite-me fazer um conjunto de inferências sobre os seus traços e competências, neste caso. Contudo, talvez de maior importância, a categorização social faz-nos sentir conectados a outros, pois ao criar grupos é possível distinguir entre os que são parecidos ou diferentes de nós e criar relações significativas com os primeiros (Smith, Mackie, & Claypool, 2015).

Proshansky e colaboradores (1983) conceptualizaram o conceito de identidade de lugar, reafirmando a importância do local de residência na identidade individual. Este novo conceito acrescenta ao que já se sabia sobre a interação entre o self e os processos sociais e interpessoais, a importância do ambiente físico e o impacto que tem na identidade construída. Bernardo e Palma-Oliveira (2016) definem a identidade de lugar como um componente da identidade pessoal e social, através do qual as pessoas se descrevem como pertencendo a um lugar geográfico específico. O lugar é conceptualizado como uma interação entre as características físico-espaciais e sociais, de forma que não pode ser compreendido sem ambos parâmetros (Proshansky, Fabian, & Kaminoff, 1983).

O self está profundamente ligado à pertença a grupos sociais, pertença essa que é atingida através de processos de auto categorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987). Esta auto categorização é um processo comparativo dinâmico e dá origem aos grupos que são selecionados para integrarem o self num determinado contexto. A saliência é particularmente importante por refletir a natureza contextual da identidade social. Os sujeitos são compostos por uma multiplicidade de identidades que são ativadas diferenciadamente em diferentes situações (Turner, 1985). Num determinado contexto, a pertença grupal saliente pode dizer respeito a um nível específico e mais concreto, como o género e ou ocupação profissional e num contexto diferente, assentar-se em níveis mais abstratos, como a nacionalidade ou o continente.

A saliência é um componente essencial da identidade social, por essa razão, para que a identidade de lugar possa ser entendida de acordo com os mesmos princípios da identidade social, teria este efeito de ser reproduzido na mesma. Bernardo (2011) testou se o impacto da saliência como postulada por Turner (1985) seria encontrado num contexto de identidade de lugar. Para isto, foram apresentados a participantes diferentes

contextos hipotéticos em que tinham que se apresentar a um grupo, mas os contextos geográficos eram manipulados. Isto é, a uns participantes era dito que tinham que se apresentar a novas pessoas numa nova escola na área de residência, a outros numa nova universidade numa cidade diferente, a outros num país novo no mesmo continente ou num país num continente distante. O que verificou foi que o contexto geográfico influenciou a escala utilizada nas auto descrições. Quando o contexto era local, utilizavam uma escala proximal, i.e., a cidade ou a rua, e quando o contexto era internacional utilizavam o país na sua auto descrição. Contextos mais abstratos ativam identidades mais abstratas e contextos mais específicos ativam identidades mais específicas. Estes resultados confirmam a existência da identidade de lugar como uma forma de auto categorização dependente do contexto, tal como acontece com outras categorias sociais. (Bernardo, 2011).

1.1 Favoritismo do *ingroup* e discriminação do *outgroup*

A identidade social, tal como definida inicialmente por Tajfel e Turner (1979) reflete o que os indivíduos sentem em relação aos grupos a que pertencem. A pertença a grupos tem um papel particularmente importante no bem-estar dos mesmos por trazer um sentimento individual de pertença e valorização com base em características que são suas, mas partilhadas por outros. Quando a pertença a um grupo está acessível, é formada uma representação de grupo, i.e., de “nós”, que influencia positivamente a forma como os sujeitos pensam, sentem e agem em relação aos membros que partilham a mesma identidade grupal (Tajfel & Turner, 1979; Smith, Mackie, & Claypool, 2015). A forma como os sujeitos vêem membros do mesmo grupo diferencia-se de como percebem outros em vários aspetos. Inicia-se um processo de assimilação aos restantes membros por existir um foco no que os torna semelhantes e nas características

que acreditam partilhar entre si. Esta pertença a um grupo cria um enviesamento de favoritismo do *ingroup* que se traduz numa avaliação mais favorável dos membros do grupo de pertença do que dos membros do *outgroup* (Brewer, 1979), sentimentos positivos em relação aos membros do grupo que não sentiriam noutras circunstâncias, são tratados com mais justiça e altruísmo, têm os seus sucessos atribuídos a fatores internos e insucessos a externos e os seus esforços são sempre mais notáveis do que os de membros de *outgroups* (Smith, Mackie, & Claypool, 2015; Lickel et al., 2000). A pertença a grupos tem influência no favoritismo dos que se assemelham a nós mesmo quando os grupos não são particularmente relevantes. Isto foi demonstrado com o paradigma dos grupos mínimos (Tajfel, Billig, Bundy, & Flament, 1971) em que os participantes favoreceram sempre os membros do seu grupo, sendo que este não tinha qualquer significado e a pertença a um grupo era irrelevante para a identidade pessoal.

Consequentemente, a criação de um “nós”, leva ao aparecimento de um “eles” – um *outgroup* que é categorizado como diferente pela inferência de características diferentes das do próprio (Tajfel & Turner, 1979). O confronto entre “nós” e “eles” toma a forma de comparações diretas com um *outgroup* relevante em que o objetivo é um enaltecimento do *ingroup*, o que resulta uma preferência e sobrevalorização do mesmo. A Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979) postula que, tal como queremos o nosso self com um balanço positivo, o mesmo acontece para a identidade social, especialmente estando estes interligados. O favoritismo pelo grupo de pertença faz com que, através dos processos de comparação social, os sujeitos avaliem o seu grupo e pensem sobre ele de uma forma mais positiva. Desta forma, o que motiva a discriminação do *outgroup* é a necessidade de tornar o grupo de pertença superior em todos os domínios possíveis, sendo que um dos impulsionadores deste viés de

preferência pelo *ingroup* é precisamente a motivação de cada um de retirar uma autoestima positiva da pertença aos seus grupos (Tajfel & Turner, 1979).

Em suma, as relações intergrupais são compreendidas com recurso a três conceitos base: categorização social, através da qual o mundo social se divide em grupos que partilham características semelhantes; identidade social que é internalizada pelos sujeitos através de atributos que são considerados típicos dos grupos em que se insere; e, como existe interação no mundo social, comparação social que permite que os grupos se diferenciem entre si através de comparação com base em atributos relevantes (Tajfel & Turner, 1986, cit in. Garcia-Marques & Palma-Oliveira, 1988).

Se a identidade de lugar pode ser compreendida através da identidade social, seria necessário encontrar o mesmo tipo de relações intergrupais neste contexto. Embora a identificação com o lugar possa existir em escalas diferentes, Bernardo e Palma-Oliveira (2012; 2016) exploraram as relações intergrupais em contexto urbano através da Abordagem da Identidade Social (AIS) de forma a compreender a relação entre identidade de lugar e identidade social. A AIS é particularmente útil uma vez que engloba os princípios da Teoria de Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979) e Teoria de Categorização Social (Turner, 1985), facilitando a compreensão e explicação tanto das relações e fenómenos intergrupais que acontecem entre os indivíduos e os grupos, bem como de processos cognitivos, emotivos e comportamentais individuais (Bernardo e Palma-Oliveira, 2016).

Bernardo e Palma-Oliveira (2016; Bernardo, 2011) investigaram as relações intergrupais entre quatro bairros residenciais na cidade de Lisboa (Parque das Nações, Olivais, Chelas e Moscavide) com o objetivo de testar se as predições feitas pela AIS seriam confirmadas quando o grupo social é definido por bairros de residência. Os resultados indicaram, em primeiro lugar, que a satisfação com o bairro estava

correlacionada com a identidade com o lugar. Ou seja, quanto maior a identificação com o local, maior a satisfação com o grupo de pertença. Foi possível identificar, tal como previsto pela AIS, um enviesamento de favoritismo pelo *ingroup* (neste caso, o próprio bairro de residência) que foi avaliado tanto ao nível das qualidades percecionadas do bairro, como implicitamente através da estimação da distância do bairro até ao centro da cidade (sendo este um alvo percecionado como socialmente desejável). Os sujeitos avaliaram sempre melhor o seu bairro em comparação com os bairros vizinhos em análise e estimaram estar sempre mais perto do que estes do centro da cidade. Mais uma vez, foi possível verificar uma correlação entre os julgamentos e o grau de identidade de lugar. Este resultado confirma a hipótese de que os indivíduos utilizam o lugar de residência como uma característica relevante para a pertença a um grupo social e que procuram que o balanço dessa identidade seja positivo. A procura por uma autoestima positiva acontece através de uma valorização do bairro de residência e de um processo de assimilação a locais sobre os quais têm perceções positivas de qualidade.

De igual forma, foi verificada uma desvalorização de *outgroup*, sendo que houve uma correlação entre identidade de lugar e a sobrestimação da distância aos bairros vizinhos. Foi ainda possível concluir que a perceção de semelhança e familiaridade são fatores essenciais na decisão de um *outgroup* relevante para comparação, tal como previsto pela Abordagem da Identidade Social. Neste caso, o grupo com avaliações mais positivas (Parque das Nações) e o grupo com avaliações mais negativas (Chelas) não foram considerados relevantes para comparação, pois estes bairros são percecionados como sendo demasiado diferentes. Desta forma, o Parque das Nações foi percecionado como um grupo idealizado, em vez de um grupo de comparação e apenas os restantes dois bairros (Olivais e Moscavide) podem ser considerados *outgroups* relevantes um do

outro. O Parque das Nações, por outro lado, teve a maior diferenciação intergrupala ao avaliar pior os outros bairros e sobrestimar a distância a todos eles.

Em suma, em contexto urbano, uma identidade social positiva não foi conseguida apenas pela comparação intergrupala, mas através de separação de grupos negativos e aproximação de grupos socialmente percecionados como altamente positivos. Estes resultados permitiram confirmar que a identidade de lugar está correlacionada não só com a satisfação com o grupo, perceção de homogeneidade no *ingroup*, qualidade do bairro percecionada e perceção de diferenciação de *outgroups*, como identificar que grupos foram considerados relevantes para comparação, idealizados para aproximação ou desvalorizados para afastamento, tal como previsto pela AIS (Bernardo, 2011).

1.2 Identificação com o grupo e Distintividade Ótima

De acordo com a Teoria da Distintividade Ótima (TDO) de Brewer (1993), existe uma preferência por grupos que permitem equilibrar o sentimento de pertença com a necessidade de diferenciação, ou seja, enquanto que por um lado é necessária assimilação ao grupo que deve ser suficientemente coeso, deve ser também suficientemente diferente dos outros para que permita a diferenciação. De acordo com esta teoria, grupos menores são preferidos e revelam maiores níveis de identificação e satisfação. Este efeito acontece, pois são os grupos minoritários que permitem que os indivíduos sintam incluídos e pertencentes a um grupo e, ao mesmo tempo, que permitam uma distintividade conseguida através da diferenciação com outros. Se por um lado, grupos minoritários induzem um processo de assimilação com os membros do *ingroup* e diferenciação do *outgroup*, por outro, os sujeitos fazem mais comparações com os membros do *ingroup* e procuram diferenciar-se mais dos mesmos.

Consequentemente, grupos minoritários exibem uma maior tendência para discriminação de *outgroups* (Brewer & Weber, 1994). Desta forma, existe uma maior identificação e satisfação com a pertença grupal quando ambas as necessidades estão asseguradas, o que é difícil de atingir em grupos majoritários e uma maior comparação e diferenciação de *outgroups*.

Estes resultados foram replicados em diferentes contextos e com diferentes grupos sociais. Bernardo (2011; Bernardo & Palma-Oliveira, 2016) verificou se a identificação e satisfação com o local de residência seguia os mesmos princípios defendidos pela TDO de Brewer (1993). Para este efeito, num primeiro estudo os participantes foram colocados em dois grupos experimentais correspondentes a dois bairros de diferentes dimensões. Desta forma, a pertença a um grupo majoritário ou minoritário foi manipulada. A identificação com o grupo foi avaliada através de um teste de preferências por bairros maiores ou menores. O segundo experimento foi realizado em contexto real num bairro na cidade de Lisboa, subsequentemente dividido em duas zonas com diferentes dimensões. Os resultados mostraram que houve uma maior identificação e satisfação nas condições de sentimento de pertença a grupos minoritários. Para além disto, os sujeitos inseridos em grupos minoritários apresentaram uma maior diferenciação dos grupos restantes. Uma conclusão particularmente importante é a de que, mesmo em condições artificiais, o lugar de residência potencia a definição de uma identidade e discriminação membros de grupos que não o próprio. A pertença a grupos minoritários interage com a identidade neste aspeto.

1.3 Estereótipos e estratégias de *coping* com uma identidade social negativa

Porém, esta visão das pessoas como membros de grupos sociais tem um lado negativo que surge pela sobrestimação da uniformidade do grupo e a inexistência de

espaço suficiente para diversidade. É a partir dos pressupostos de uniformidade entre membros de um grupo que surge a motivação para formar estereótipos (Smith, Mackie, & Claypool, 2015; Hamilton & Sherman, 2014). Este processo surge como resultado dos mecanismos sociocognitivos que estão por base do desejo de compreender o mundo social e de nos conectarmos com os outros. Os estereótipos formam crenças sobre as características típicas, e têm sempre consequências subsequentes nos julgamentos e processamento de informação sobre esses mesmos grupos (Smith, Mackie, & Claypool, 2015; Hamilton & Rose, 2015).

Os estereótipos são descritos por Garcia-Marques e Mackie (1999) como um “mal necessário” para lidar com a complexidade do mundo social. As interações diárias com indivíduos seriam demasiado exaustivas se fosse necessário processar todas as particularidades de todas as pessoas com quem interações acontecem. É necessária uma espécie de “dispositivo cognitivo” que torne as interações sociais mais simples por inferência de características típicas de um grupo para um indivíduo, permitindo-o interagir sem ter que processar infimamente todos os detalhes. As consequências da existência de estereótipos serão abordadas nesta revisão.

Um aspeto essencial da identidade social é a gestão emocional e psicológica necessária quando existem estereótipos negativos sobre o grupo de pertença. As consequências de uma identidade social negativa verificam-se em domínios como o desempenho e autoestima dos indivíduos. A pertença a grupos está intrinsecamente ligada à identidade individual de cada um, identidade essa que vai ser penalizada quando há uma pertença a grupos desvalorizados socialmente (Smith, Mackie, & Claypool, 2015).

Contudo, existem estratégias de *coping* que têm sido reconhecidas na literatura e que permitem que o indivíduo se proteja e valorize num mundo social que o avalia

negativamente. Smith, Mackie e Claypool (2015) dividiram estas estratégias em 3 categorias: 1) Defesa da autoestima individual. Os indivíduos podem procurar proteger a sua autoestima recorrendo a estratégias mais individuais, como atribuir más experiências ou mau feedback à pertença a um grupo e não a um desempenho pessoal ou compararem-se com membros do *ingroup* que permite que se sintam numa melhor posição. 2) Procura de mobilidade individual. Existe uma fraca identificação com o grupo e os sujeitos procuram distanciar-se psicológica ou fisicamente. A desidentificação com o grupo ou a dissociação física acontecem com recurso a várias estratégias que, para além das consequências psico emocionais, nem sempre são exequíveis para todos os grupos. 3) Procurar mudança social. Através de criatividade social, onde existe uma redefinição das características de avaliação do grupo ou através de competição social, em que existe um conflito direto com outros grupos para melhorar as condições atuais do grupo estigmatizado.

As estratégias para gerir a pertença a um grupo estigmatizado foram encontradas num contexto de identidade de lugar. Bernardo e Palma-Oliveira (2016) avaliaram as relações intergrupais em quatro bairros da cidade de Lisboa. Um dos resultados interessantes verificou que os habitantes do bairro de Chelas (bairro mais negativamente avaliado por todos os grupos) não utilizaram estratégias de diferenciação para atingir uma identidade positiva, mas de aproximação para se assimilarem aos outros grupos mais positivamente avaliados. Por exemplo, subestimaram a distância a bairros desejáveis e ao centro da cidade. Para além disto, devido à identidade social negativa, houve uma compensação da fraca identificação com o bairro através de uma maior identificação com a cidade (Lisboa) e o país (Portugal), sendo que a identidade de ambas escalas foi significativamente superior para o bairro de Chelas do que para os outros bairros. Isto demonstra que bairros habitacionais são suficientemente importantes

para a identidade e produzem efeitos negativos na mesma de tal forma que os indivíduos arranjam estratégias para a combater.

2. Formação de Impressões Grupais

A percepção social é um processo que deriva da capacidade de adaptação ao mundo social complexo. Através dele, compreendemos os outros e os seus comportamentos e fazemo-lo com recurso a informação disponível sobre um determinado alvo, sendo posteriormente feito um julgamento sobre o mesmo. Hamilton e Sherman (1996) clarificam um pressuposto básico da formação de impressões: o sujeito que as forma, espera e assume unidade e coerência na personalidade de outros e, sendo as pessoas vistas como unidades coerentes, então a impressão formada deve refletir essa coerência. Ao criar uma impressão de personalidade, os sujeitos procuram encontrar nos comportamentos, traços centrais que definam a essência do alvo. Para que isto aconteça, serão feitas inferências disposicionais sobre os comportamentos para aspetos centrais de personalidade, como se esses aspetos gerais refletissem características profundas e internalizadas. Para além disto, os percipientes possuem crenças implícitas de consistência e estabilidade ao longo do tempo e que implicam que os comportamentos e os traços sejam coerentes entre si. Asch (1946) demonstrou a importância da lei do senso comum sobre a “supremacia das primeiras impressões” quando demonstrou o efeito de primazia na formação de impressões em que as primeiras inferências que um sujeito faz sobre um alvo vão determinar como a informação seguinte vai ser interpretada e integrada na estrutura organizada de traços já estabelecida. A formação de impressões é feita *online* e à medida que nova informação é aprendida, vai integrar a estrutura dinâmica que se desenvolve, assimilando comportamentos e traços que sejam coerentes com a impressão formada e criando

estratégias para integrar facilmente a informação que não o é (Asch, 1946; Hamilton & Sherman, 1996).

Contudo, não são formadas impressões apenas sobre pessoas individuais, mas também de grupos, ainda que os processos possam ser diferentes, por o nível de coerência e unidade que se espera da personalidade de um sujeito ser superior à coerência e unidade que se espera de um grupo (Lickel et al., 2000). Desta forma, é de esperar que os processos de formação de impressão não sejam os mesmos. Hamilton e Sherman (1996), numa importante revisão de literatura, reportaram que existem diferenças na forma como se formam impressões sobre indivíduos e grupos. Mais especificamente, que existe uma maior probabilidade de os julgamentos direcionados a alvos individuais serem feitos *online* e, por isso, estarem suscetíveis a enviesamentos como o efeito de primazia, que existe uma maior expectativa de coerência para indivíduos do que para grupos e a informação é organizada de forma mais relevante. Para a presente investigação, um aspeto da revisão dos autores é particularmente importante: as estratégias para lidar com informação incongruente com as expectativas. Em primeiro lugar, a informação incongruente requer um processamento mais demorado que informação congruente (Stern, Marrs, Millar, & Cole, 1984, cit. in Hamilton & Sherman, 1996). Existe uma maior predisposição para gerar explicações para os itens incongruentes, em que são dadas explicações à informação incompatível com a impressão para a poder integrar (Susskind, Maurer, Thakkar, Hamilton, & Sherman, 1999) e a memória para itens incongruentes é superior (Hastie & Kumar, 1979). Estas diferenças surgem porque não é esperado o mesmo nível de coerência para grupos que se espera para indivíduos e, por isso, os processos de formação de impressão não poderão ser os mesmos.

Contudo, esta expectativa de variabilidade não é absoluta para todos os grupos. As pessoas diferenciam espontaneamente entre diferentes tipos de grupo, com base nas características e propriedades relevantes que são identificadas e utilizam estas diferenças como um filtro de codificação e armazenamento de informação social. Estes resultados foram explorados com maior rigor por Lickel e colaboradores (2000) num estudo em que avaliaram diferentes conjuntos de pessoas em termos de características grupais, p.e., diferenças entre pertencer a uma família e estar numa fila do banco. O que encontraram foi que, consoante a inferência de características que é feita para cada um dos conjuntos de pessoas, estes são divididos entre cinco tipos de grupo: grupos íntimos (e.g., família, amigos próximos), grupos orientados para tarefas (e.g., colegas de trabalho), categorias sociais (e.g., ser mulher, ser portuguesa), associações fracas (e.g., estudar na mesma universidade) e grupos transitórios (e.g., esperar numa fila no supermercado). Todos estes grupos variaram uniformemente no julgamento de propriedades que os compõem. Sherman, Castelli e Hamilton (2002) testaram o impacto da divisão de grupos em tipos como os descritos em Lickel e colaboradores (2000) através de uma série de experimentos em que os participantes viam fotografias ou liam comportamentos sobre membros dos vários tipos de grupos, sendo que existiam dois grupos diferentes para cada um dos tipos (p.e., ser mulher e ser portuguesa, ambas categorias sociais). O que puderam concluir dos quatro experimentos foi que a informação sobre o mesmo tipo de grupos é armazenada conjuntamente e que os grupos não são todos percebidos da mesma forma. Pelo contrário, existem categorias implícitas, definidas por características e propriedades específicas, que são automaticamente ativadas quando existe exposição a um grupo e que influenciam a organização cognitiva do grupo social em memória (Sherman, Castelli, & Hamilton, 2002; Hamilton, Sherman, & Castelli, 2002).

3. A Entitatividade

A característica mais importante na variabilidade percebida entre os diferentes tipos de grupo é um conceito que Campbell (1958) denominou de entitatividade. A entitatividade consiste num processo inferencial feito através de um conjunto de pistas informacionais que transformam ou não um agregado de pessoas num grupo social percebido. Desta forma, a entitatividade diz respeito ao grau de unidade percebida sobre um grupo, isto é, o grau em que um grupo de pessoas é percebido como sendo uma entidade com coerência e unidade, i.e., o grau de *groupness* de um grupo (Campbell, 1958). A percepção de entitatividade está fortemente correlacionada com a avaliação de características que servem como pistas da percepção de interação entre os membros do grupo, partilha de objetivos comuns, resultados comuns, semelhança entre os membros do grupo e importância do grupo para os membros (Lickel et al., 2000). A entitatividade funciona num continuum, na medida em que todos os grupos possuem um determinado grau de entitatividade, contrariamente a uma dicotomia ausência-presença (Campbell, 1958; Hamilton & Sherman, 1999). Quando os sujeitos avaliam as propriedades acima enumeradas como presentes, a percepção de entitatividade do grupo é maior.

A importância da percepção de semelhança entre grupos nos julgamentos de entitatividade foi inicialmente realçada por Campbell (1958). Em grupos com uma alta entitatividade percebida, surge uma percepção de homogeneidade entre os membros (Brewer & Harasty, 1996, cit. in Lickel et al., 2000), que resulta numa expectativa de unidade e coerência em traços e comportamentos, tal como acontece para pessoas individuais. Por este motivo, nova informação sobre o grupo vai ser tratada de acordo com os mesmos pressupostos da formação de impressões individuais, ou seja, a informação sobre grupos mais entitativos é processada de uma forma integrativa (i.e.,

maiores inferências disposicionais, expectativa consistência ao longo do tempo e em contextos diferentes, diferenças na organização da impressão em memória e resolução de informação inconsistente (Hamilton & Sherman, 1996).

As inferências que são feitas a partir da percepção social para formar impressões podem ter origem não só em traços ou comportamentos apresentados, mas também em pistas no ambiente físico (Gosling, Ko, Mannarelli & Morris, 2002). Numa publicação de Gosling e colaboradores, estes demonstram numa revisão teórica que não só é possível existir um consenso de julgamentos de impressão entre vários sujeitos quando só têm por base o espaço, como muitas vezes esses julgamentos não estão longe da realidade. Os autores registaram os julgamentos de impressões de participantes ao observarem escritórios e quartos em apartamentos e residências. Os resultados permitiram concluir que, embora sejam feitas inferências com base nos dois espaços, mais facilmente foram feitas do espaço pessoal – o quarto. Os julgamentos de personalidade semelhantes aos julgamentos de amigos do ocupante do espaço.

Bernardo (2011) estudou como o local de residência pode ter implicações na forma como os sujeitos foram impressões sobre os seus residentes. Para este efeito, foram realizados estudos em bairros habitacionais localizados na cidade de Lisboa, Portugal. No primeiro estudo procurou-se verificar, sendo os bairros de habitação categorias sociais tal como definidas por Tajfel e Turner (1979), se estes locais seriam percecionados com graus diferenciados de entitatividade e, caso se verificasse, que características físico-espaciais do espaço estariam relacionadas com esta percepção. Para isto, foram avaliados vinte bairros em diferentes dimensões, incluindo na percepção de entitatividade e avaliação das características físicas do espaço. Os resultados demonstraram que os sujeitos processam informação sobre bairros de uma forma semelhante a outros grupos sociais, pois a entitatividade de todos os bairros foi

percecionada de forma coerente pelos participantes, estando correlacionada com as mesmas propriedades sociais identificadas em estudos anteriores (Lickel et al., 2000). A avaliação de características físico-espaciais dos bairros como “tradicional”, “único”, “não funcional”, “não organizado”, “não planeado”, “pobre” e “pequeno” correlacionam-se positivamente com a entitatividade percebida. Estes resultados significam que existem pistas ambientais e espaciais sobre o espaço a ser avaliado que levam à produção de um julgamento de entitatividade e que, se as características espaciais evocam uma identidade social, terá consequências no processamento de informação sobre os seus habitantes.

No seguimento desta hipótese, Bernardo (2001) testou se a pertença a um determinado lugar, i.e., o bairro, influencia a forma como outros processam informação e formam impressões sobre quem nele reside. Para este efeito, foram realizados dois estudos de formação de impressões. Num primeiro, foram comparadas as avaliações de dois bairros de Lisboa percebidos como sendo mais ou menos entitativos (Alfama e Parque das Nações, respetivamente) com dois grupos igualmente diferenciados no grau de entitatividade (Ciganos e Economistas). Num segundo estudo, foram utilizadas descrições e, considerando a influência das características espaciais na percepção de entitatividade, fotografias dos bairros previamente testadas. Em ambos os experimentos, os resultados confirmaram a hipótese de que, nas condições de maior entitatividade percebida, os sujeitos formam impressões sobre bairros da mesma forma como para indivíduos e outros grupos sociais.

Mais interessante é ainda a permanência do efeito quando a informação disponível para formar a impressão é unicamente uma fotografia do bairro alvo. A partir de fotografias de um espaço, é possível diferenciar o suficiente para formar julgamentos sobre entitatividade e obter os mesmos efeitos na formação de impressões, pois em

ambos os experimentos, nas condições de alta entitatividade, os participantes realizaram julgamentos de traços mais extremos (indica inferências disposicionais mais fortes), foram mais rápidos (indica um processamento integrativo da informação) e confiantes nas respostas. Por outro lado, nas condições de baixa entitatividade, o desempenho foi baseado em memória, como se avalia através dos julgamentos menos extremos, mais longos e com menor confiança. Estes resultados não confirmam apenas como se pensa sobre bairros, mas consolidam a importância das características físicas e espaciais no julgamento. “Da mesma forma que a aparência física é uma fonte de informação importante quando indivíduos formam uma impressão, a “aparência física” do bairro é importante no processo de formar uma impressão sobre os seus residentes” (Bernardo, 2011, p. 196-197). Esta correlação entre as características puramente físicas e espaciais e as sociais sugerem que é feita uma antropomorfização dos espaços que se transformam em inferências sobre as pessoas que os habitam. Esta antropomorfização não é aleatória e existem regras para a forma como os bairros são avaliados. A avaliação de características como ser pequeno, pobre, desorganizado, ... dão origem a inferências psicossociais sobre os habitantes que têm efeito na percepção de entitatividade e, em última instância, na impressão formada.

Bernardo (2001) sugere as pessoas possuem “teorias implícitas” sobre a cidade que englobam tanto as características sociais como as físicas do espaço e que estas teorias se assemelham às sobre outros indivíduos e grupos. Estes resultados conceptualizam o bairro de residência como um grupo social que gera o mesmo tipo de processos sociocognitivos identificados em percepção social (Hamilton & Sherman, 1996). É possível pensar sobre espaços e quem neles habita como em indivíduos e grupos sociais tipicamente utilizados na investigação em Cognição Social. Para além

disto, é possível formar impressões sobre bairros de forma semelhante a outros grupos sociais.

Dentro da linha de comprovação sistemática de como a identidade de lugar funciona pelos mesmos princípios da identidade social, pretende-se aprofundar a natureza sociocognitiva do processo. Embora o conceito de entitatividade seja já um mecanismo com implicações em termos de processamento sociocognitivo, pretende-se compreender se pode ainda ser aplicado aos princípios e mecanismos básicos da Cognição Social, pouco testados em contexto de identidade social e muito menos em identidade de lugar. Mais concretamente, se, na continuidade do padrão de resultados reportado por Bernardo (2011) relativamente à formação de impressões, é possível gerar o efeito de correlações ilusórias baseadas na expectativa e produzir diferenças no julgamento de impressão com a indução de incongruência.

4. Enviesamentos básicos de percepção social

O efeito de incongruência e das correlações ilusórias baseadas na expectativa são efeitos cognitivos básicos que parecem ser contraditórios. No entanto, são robustos e sistematicamente encontrados na literatura de memória e formação de impressões.

4.1 Correlações ilusórias

As correlações ilusórias são introduzidas por Chapman (1967, cit. in Hamilton & Gifford, 1976) que as define como uma correlação entre dois eventos que na realidade não estão correlacionadas ou pelo menos não tão fortemente como é relatado. Os mecanismos cognitivos podem ser a causa que origina os estereótipos (Hamilton & Gifford, 1976; Hamilton, Dugan, & Troler, 1985) ou podem originar consequências por partirem de estereótipos já estabelecidos (Hamilton & Rose, 1970). Ou seja, num os

enviesamentos cognitivos originam estereótipos e no outro os enviesamentos acontecem por o estereótipo já estar presente no sistema de crenças do indivíduo. A estereotipização ocorre quando um indivíduo infere traços sobre outro por pertencer a um determinado grupo social (Hamilton, 1979).

4.1.1 Correlações ilusórias baseadas na Distintividade

Hamilton e Gifford (1976) estudaram o efeito das correlações ilusórias em contexto social, mais concretamente, a hipótese de que julgamentos grupais estereotípicos surgem de mecanismos puramente cognitivos de processamento de informação. A saliência de eventos está associada a um processamento mais profundo e conseqüente maior codificação dessa informação em memória, tornando-a mais acessível que outros eventos em memória, o que leva a uma mais frequente recordação (Tversky & Kahneman, 1973). A saliência de um evento tende a relacionar-se com contextos estatisticamente infrequentes, isto é, os comportamentos mais distintivos serão os que acontecem menos vezes e aos quais é prestada maior atenção quando ocorrem. Esta hipótese está na base da explicação puramente cognitiva da criação de estereótipos, pois um estereótipo implica que sejam inferidas características psicológicas para um grupo e que exista uma atenção para eventos relacionados com o grupo. Desta forma, se determinados grupos são mais distintivos e certos comportamentos o são também, então percipientes para quem estes grupos são mais infrequentes estatisticamente, vão prestar mais atenção e inferir que coocorrem com maior frequência do que coocorrem na realidade. Por exemplo, para um caucasiano, a presença de um indivíduo afrodescendente pode ser distintiva e vai prestar atenção. Se for acompanhado de um evento distintivo, a atenção atinge um novo patamar e a

atenção disponibilizada para processar o acontecimento com dois eventos distintivos, vai fazer com que a informação seja processada mais profundamente e, em última instância, que a coocorrência daqueles eventos seja sobrestimada. Em contextos reais, o evento distintivo tende a ser um comportamento negativo e a hipótese deste enviesamento cognitivo estar na base dos estereótipos pode justificar, para alguns casos, a origem dos mesmos (Hamilton, Dugan, & Trolier, 1985).

Esta hipótese foi testada por Hamilton e Gifford (1976) em grupos fabricados em laboratório e com comportamentos pré testados em termos de desejabilidade social. Os autores confirmaram que, mesmo quando os grupos não são significativos, os indivíduos criam correlações ilusórias entre eventos distintivos, o que resulta numa diferenciação percebida entre os dois grupos alvo do julgamento. É possível concluir que as correlações ilusórias são enviesamentos de julgamento que podem ter como causa os mecanismos cognitivos que processam informação de eventos coocorrentes, isto é, a saliência de uns comportamentos em prol de outros e a forma como esses eventos é processada automaticamente, gera as distorções identificadas no julgamento. Num contexto real, um evento pouco frequente capta a atenção com mais facilidade e quando dois eventos coocorrem, este efeito é potenciado e desenvolve-se uma relação ilusória entre os mesmos. Membros de grupos majoritários podem formar estereótipos negativos de um outro grupo ao associar um comportamento distintivo (normalmente negativo) e um grupo distintivo (minoritário) (Sanbonmatsu, Sherman, & Hamilton, 1987). A relevância destes resultados prende-se pelo surgimento de estereótipos que não têm que ser necessariamente transmitidos culturalmente e, mais ainda, que facilitam a manutenção dos mesmos (estudo seguinte). Ou seja, fatores puramente cognitivos são suficientes para gerar diferenças entre dois grupos. Os estereótipos que surgem desta forma podem perfeitamente ser passados de geração em geração.

4.1.2 Correlações ilusórias baseadas na expectativa

Se por um lado as correlações ilusórias podem estar na causa de formação dos estereótipos, por outro podem ser a razão para estes não se alterarem. Uma das características dos estereótipos é a persistência ao longo do tempo e a resistência a informação não confirmatória das crenças. É possível encontrar na literatura evidência sobre enfraquecimento de estereótipos, contudo, os grupos não deixam de ser caracterizados por um conjunto de traços durante um longo período de tempo e permanecem fortemente estáveis, mesmo que tenham algumas mudanças sistemáticas ao longo dos anos (Brigman, 1971; Karlins et al., 1969; Ehrlich, 1973, cit. in Hamilton & Rose, 1970). A manutenção e resistência de estereótipos, mesmo quando existem evidências não confirmatórias destas crenças, tem sido explicada por vários autores com diferentes abordagens, contudo, a abordagem relevante para a presente investigação tem por base os enviesamentos “inatos” dos indivíduos no processamento de informação de grupos sociais (Hamilton, 1979).

Hamilton e Rose (1970) exploram como os estereótipos já existentes podem ser mantidos também através de mecanismos cognitivos, mais concretamente, as correlações ilusórias. As correlações ilusórias estão intimamente ligadas com a sobrestimação de frequências em que dois eventos coocorrem. Os estereótipos consistem num conjunto dessas mesmas expectativas sobre a correlação entre dois eventos (Hamilton & Rose, 1970). Tendo estas crenças estabelecidas, o processamento vai sempre funcionar na direção confirmatória das representações que já existem, resultando numa confirmação da experiência estereotípica do percipiente (Hamilton & Rose, 1970). Os julgamentos estereotípicos são uma expressão das crenças que existem no sistema de representações dos indivíduos sobre a força correlacional entre duas variáveis (Hamilton & Rose, 1970). É com base neste enviesamento correlacional da

informação que Hamilton e Rose (1970) desenvolvem uma investigação que veio comprovar que quando é adquirida informação nova que confirme o estereótipo, ela vai ser recordada como mais frequente do que foi na realidade, em comparação com informação não relacionada ou desconfirmatória.

Hamilton e Rose (1970) estudaram as implicações deste enviesamento na estereotipização social de grupos ocupacionais e o impacto no processamento de informação dos membros desses grupos. Este efeito foi confirmado em experimentos em que os participantes foram expostos a listas de traços de personalidade e três grupos ocupacionais (o procedimento foi repetido para um conjunto masculino e um feminino). Para cada um dos grupos ocupacionais (médico, contabilista, vendedor – conjunto masculino), existiam traços estereotípicos que eram mais característicos para esse grupo do que para os outros dois. Juntamente com estes, existiam traços neutros, que foram avaliados num pré-teste como sendo igualmente descritivos dos três. Adicionalmente, os traços estereotípicos de um grupo eram selecionados quando eram neutros para os outros, portanto enquanto que pensativo era um traço estereotípico para médicos, era neutro para contabilistas e vendedores. No final, foi pedido aos participantes que estimassem a frequência de ocorrência de traços para cada grupo ocupacional. Hamilton e Rose (1970) verificaram a existência de correlações ilusórias tanto num contexto de total independência de correlações, em que todos os traços apareciam um número igual de vezes, como quando estes se correlacionavam, pois em contextos reais, os eventos não possuem uma correlação perfeita completamente independente e contra balanceada. Desta forma, foram criadas relações correlacionais entre os traços e os grupos ocupacionais em que os traços estereotípicos apareciam um maior número de vezes para o seu grupo respetivo, mas emparelhados com traços neutros para o mesmo grupo.

O que encontraram foi que os traços neutros, mesmo aparecendo o mesmo número de vezes que os estereotípicos, não foram estimados com frequências tão elevadas. Ou seja, quando dois comportamentos estão igualmente correlacionados com um grupo, mas um é estereotípico e existem expectativas sobre o mesmo e o outro não, os sujeitos não são capazes de processar toda a informação de igual forma. Efetivamente, a relação entre traços e grupos será processada como sendo mais forte se confirmar as expectativas e estereótipos.

A série de experimentos de Hamilton e Rose (1970) permitiu confirmar a existência da formação de correlações ilusórias com estímulos sociais e que as expectativas têm um papel decisivo na forma como informação social vai ser processada. Este enviesamento, por conseguinte, leva a uma tendência de experiência confirmatória dos sujeitos em que o que percebem (ainda que erradamente) confirma e serve de evidência para as crenças estereotípicas existentes por acontecimentos confirmatórios serem sobre representados em memória. Inevitavelmente, este efeito leva a uma mais fácil manutenção das crenças estereotípicas e mostra que é um enviesamento na forma como a informação é processada de partida.

4.2. Efeito de incongruência

Os estereótipos são necessários para simplificar o mundo social e permitir que os sujeitos não vivam em esgotar todos os recursos cognitivos disponíveis nas primeiras interações do dia. Ao formar uma impressão de personalidade e na busca por coerência, a informação incongruente toma uma posição ameaçadora. Traços ou comportamentos de um alvo não compatíveis com a expectativa não encaixam na representação mental organizada que existe sobre o alvo e, por essa razão, torna-se necessário recorrer a estratégias para lidar com eles. Pela sua utilidade existir precisamente na capacidade de

resistência a informação desconfirmatória, existem vários estudos que negam a mudança de estereótipos quando expostos a informação incongruente. Contudo, os estereótipos mudam e são revistos em determinadas condições em que é introduzida informação incongruente (Garcia-Marques & Mackie, 1999).

O efeito de incongruência foi identificado por Hastie e Kumar (1979) numa tarefa de formação de impressões. Eram apresentados traços de personalidade aos participantes, seguindo descrições comportamentais. Esta ordem garantia que ia ser primeiramente formada uma expectativa e apenas depois seriam os comportamentos interpretados como congruentes, incongruentes ou neutros com o esperado. No final foi realizada uma tarefa de recordação livre. Numa tarefa posterior de recordação livre dos itens aprendidos, verificou-se que os itens incongruentes com as expectativas tinham uma maior probabilidade de serem recordados que os congruentes. Os itens neutros eram os menos recordados das três categorias de comportamentos. Embora se tenham verificado efeitos de primazia e recência, nas posições centrais das séries de itens, o padrão de resultados reflete que os comportamentos inesperados foram significativamente mais recordados e especialmente quando o número de itens incongruentes aprendidos era menor.

O primeiro modelo processual que procurou explicar esses resultados surgiu de Hastie (1980). De acordo com o modelo, é criado no início da formação da impressão um nóculo inicial relativo ao alvo. Esse nóculo contém expectativas sobre como o alvo se deve comportar, expectativas essas que são uma consequência dos traços apresentados e da inferência que foi feita a partir dessas características. Toda a nova informação vai ser integrada com a que já se encontra presente na rede mnésica da impressão. Cada item vai criar uma ligação direta com o nóculo do alvo e, no caso dos itens incongruentes, devido à necessidade de recuperar informação para poder integrar

em memória, uma ligação direta entre os itens é gerada em memória. O resultado é uma rede representativa que contém dois tipos de caminhos: verticais (do nóculo para os itens) e horizontais (entre itens). Assim, este efeito ocorre porque, enquanto que a informação congruente está diretamente ligada ao nóculo da impressão e expectativa criada, os itens incongruentes são mais difíceis de integrar, o que desencadeia um processamento mais profundo para que possam ser integrados em memória. Consequentemente, os itens incongruentes desenvolvem mais ligações entre itens que são espontaneamente utilizadas na tarefa de recordação livre.

4.3. Modelos explicativos: Modelo TRAP

O modelo de Hastie (1980) falha na explicação da coexistência do efeito de incongruência e correlações ilusórias baseadas na expectativa. Garcia-Marques e Hamilton (1996) resolveram a aparente discrepância entre os dois enviesamentos através do modelo TRAP. De acordo com o modelo, é a diferença na tarefa de recuperação mnésica que facilita um ou outro efeito. A codificação e armazenamento da informação em memória funciona da mesma forma proposta por Hastie (1980) e as ligações variam na força associativa com o nóculo alvo. A força associativa diz respeito à congruência entre o comportamento e a expectativa. Por este motivo, itens congruentes têm ligações diretas verticais mais fortes e os incongruentes geram ligações entre outros itens incongruentes e congruentes armazenados anteriormente em memória. As diferenças surgem devido às tarefas de recuperação: estimativa de frequências ou recordação livre.

Para ambas as tarefas, a recuperação inicia-se no nóculo do alvo e percorre verticalmente para um comportamento armazenado que, devido à força associativa das ligações, será com maior probabilidade um comportamento congruente. Após esta

primeira busca, começam as diferenças. Para uma tarefa de recuperação livre, após o primeiro item, a busca é feita horizontalmente através das associações entre itens geradas na codificação. Quando a busca horizontal deixa de ser produtiva, o sujeito regressa ao nóculo alvo e repete o processo até não conseguir recuperar mais comportamentos. Por este motivo, os itens incongruentes têm uma maior probabilidade de serem recordados, pois a recordação livre favorece a busca horizontal e exaustiva e, por sua vez, a informação incongruente favorece a criação de associações entre itens.

Numa tarefa de estimativa de frequências, o processo de recuperação mnésico é heurístico e seletivo por ser perguntado por um comportamento específico de cada vez, impedindo que a busca seja feita em toda a rede mnésica, mas num domínio específico correspondente ao comportamento questionado. O processamento heurístico é determinado pela disponibilidade/acessibilidade da informação em memória. Uma vez que os itens congruentes possuem uma ligação mais forte com o nóculo alvo e a busca é apenas feita verticalmente, a informação congruente estará mais acessível em memória, o que resulta numa inferência de sobrestimação da frequência (Tversky & Kahneman, 1973).

Overview

A revisão de literatura apresentada permitiu enquadrar o presente estudo numa linha de investigação corrente que diz respeito à conceptualização da identidade de lugar como uma forma particular de identidade social. Esta hipótese tem sido confirmada por vários autores relativamente aos diversos componentes associados às teorias clássicas de comportamento social. A investigação que se apresenta de seguida, enquadra-se no seguimento das conclusões de Bernardo (2011) sobre a semelhança no processo de perceção de entitatividade e formação de impressões entre bairros

habitacionais e grupos sociais tipicamente utilizados em Cognição Social. Através da observação de fotografias de espaços, os sujeitos constroem uma percepção de entitatividade que ativa estereótipos grupais e, conseqüentemente, resulta na inferência de características psicossociais dos membros do grupo. Este “salto” entre a avaliação de características físicas e espaciais e a inferência de características psicológicas não é previsto pela Cognição Social que antecipa que pensar sobre objetos e espaços é diferente do que pensar sobre pessoas. Contudo, este processo acontece e os sujeitos têm teorias acerca do comportamento esperado de residentes em determinados locais. Quando os grupos são percebidos como sendo mais entitativos, com base numa avaliação do espaço, é esperada uniformidade e coerência entre os seus membros, o que torna o processamento de informação semelhante ao de alvos individuais.

Desta forma, resta saber se este julgamento sobre os grupos pode ou não ser influenciado pela introdução de informação de contrarie as expectativas que têm formadas sobre aquele local. Mais concretamente, se a indução de incongruência produz diferenças nos julgamentos de impressão sobre bairros e se é possível gerar correlações ilusórias baseadas na expectativa com estes mesmos grupos.

Para investigar estas questões, foram realizados dois experimentos. O primeiro estudo utilizou fotografias de bairros sobre os quais os sujeitos inferiram características psicossociais e ativaram expectativas relativamente a comportamentos e introduziu informação congruente e incongruente com essas mesmas expectativas. O segundo procurou determinar se é possível formar correlações ilusórias com bairros como alvo. Para isto, utilizou estereótipos prévios de dois bairros de Lisboa, juntamente com comportamentos congruentes ou incongruentes com as expectativas de comportamentos desses bairros e analisou se os sujeitos são ou não capazes de estimar corretamente a

frequência com que surgem comportamentos confirmatórios e não confirmatórios durante o teste.

Estudo I

O processamento de informação social sobre grupos percebidos como sendo mais entitativos é semelhante ao processamento de alvos individuais (Hamilton & Sherman, 1996; Lickel et al., 2000; Bernardo, 2011). De acordo com Bernardo (2011), fotografias de bairros de Lisboa originaram julgamentos coerentes de entitatividade e permitiram a formação de impressões sobre os seus habitantes. No presente estudo, assentando nos pressupostos reportados da literatura, o objetivo é compreender até que ponto estes julgamentos sobre bairros podem ser influenciados pela indução de incongruência, tal como reportado para alvos individuais (Hastie & Kumar, 1979).

A partir de apenas fotografias os sujeitos percebem um grau de entitatividade para um grupo que, por sua vez, resulta em inferências com características psicossociais de habitantes que nele reside. São ativados estereótipos a partir das características espaciais (i.e., aplicação da Teoria de Identidade Social à percepção do lugar) que englobam componentes comportamentais e criam expectativas sobre os comportamentos dos membros do grupo. No presente estudo, assentando nos pressupostos reportados da literatura, o objetivo é compreender até que ponto estes julgamentos sobre bairros podem ser influenciados pela indução de incongruência. Se esta ativação das características psicológicas do grupo está profundamente interligada com os aspetos espaciais, coloca-se a questão sobre o impacto de comportamentos contrários à expectativa na percepção de entitatividade em si.

1- Desta forma, o primeiro objetivo desta investigação é avaliar se a indução de incongruência nos comportamentos vai afetar os julgamentos de impressão dos habitantes do bairro feitos com base nas fotografias. Ou seja, espera-se que (H1) existam diferenças nos julgamentos de impressão quando as descrições

comportamentais apresentadas são congruentes vs. incongruentes com as expectativas derivadas do nível de entitatividade do local elicitado pelas fotografias. Espera-se ainda que, para além das diferenças no julgamento sobre características psicológicas dos habitantes, (H2) a confiança nestas avaliações seja menor nas condições de incongruência entre expectativas e comportamentos do que nas condições de congruência.

2- Uma vez que a percepção de entitatividade é originada pelas fotografias, i.e., propriedades físicas e espaciais do espaço e a entitatividade está correlacionada com características psicossociais do grupo, o segundo objetivo do presente estudo é avaliar se a apresentação de informação congruente vs. incongruente com as expectativas força os sujeitos a revisitar estes julgamentos. Ou seja, espera-se que (H3) a apresentação de comportamentos congruentes vs. incongruentes com as expectativas produza diferenças na avaliação das características físico-espaciais do espaço e (H4) produza diferenças no julgamento das características psicossociais do grupo social (i.e., habitantes do local).

3- O terceiro objetivo é compreender até que ponto uma mudança no alvo de impressão pode alterar os julgamentos finais. O objetivo desta manipulação é testar até que ponto a inferência sobre as características do bairro são tão fortes quanto as inferências realizadas para um grupo. Tendo este aspeto em conta, (H5) nas condições de formação de impressão para habitantes do bairro, espera-se que os julgamentos sejam mais extremos do que na condição de formação de impressão para o bairro.

4- A manipulação da congruência dos comportamentos só fará sentido quando for interligado com um grupo sobre o qual existem expectativas originadas por uma percepção anterior (i.e., expectativas sobre comportamentos devido à percepção de entitatividade elicitada pelas fotos). Desta forma, espera-se uma (H5) interação entre o

Julgamento e Entitatividade em que as diferenças nas avaliações serão superiores para a condição de Alta Entitatividade do que para a condição de Baixa Entitatividade, uma vez que a força das inferências será menor para a última.

Método

Participantes

A recolha de dados foi realizada nos computadores dos Laboratórios de Psicologia Experimental da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, com recurso à plataforma Qualtrics. Os participantes foram selecionados através da UC de Comportamento Humano e Ambiente, recebendo 0.5 créditos extra no final do semestre como recompensa por participarem no estudo. Durante as sessões experimentais, os participantes permaneceram sem acesso ao telemóvel e estiveram sempre acompanhados por um experimentador para quaisquer dúvidas que surgissem.

A manipulação experimental foi feita interparticipantes, com três variáveis independentes (VI) todas com dois níveis 2 Alvo (Bairro vs. Grupo) x 2 Entitatividade (Alta vs. Baixa) x 2 Julgamento (Congruente vs. Incongruente), criando um total de 8 versões. As variáveis dependentes (VD) foram os Julgamentos de Impressão e respetiva Confiança na resposta e os Julgamentos de Entitatividade.

Instrumentos

Fotografias. Foram utilizadas 16 fotografias de bairros de Lisboa (Anexo A), 8 de Alta Entitatividade e 8 de Baixa Entitatividade, tendo sido testadas como representativas destes dois fatores em estudos anteriores (Bernardo, 2011). As fotografias foram apresentadas de acordo com as dimensões padrão da plataforma Qualtrics (orientação vertical: 447 x 594; orientação horizontal: 539 x 403) e aparecendo sempre centradas no

ecrã. A cada participante eram apresentadas ou fotografias de Alta ou de Baixa Entitatividade.

Frases. Foram utilizadas 16 frases com descrições de comportamentos adaptadas de Bernardo (2011), sendo 8 descrições tipicamente associados a Alta Entitatividade e 8 tipicamente associadas a Baixa Entitatividade (Anexo B). A construção das frases consistia num nome masculino seguido de um comportamento (p.e., “*O Fernando organizou um churrasco em casa para os amigos*”) e cada participante viu apenas frases de Alta ou de Baixa entitatividade. As frases foram apresentadas na fonte *Times New Roman*, tamanho 14.

Instrução de Formação de Impressões. O foco de processamento cognitivo dos participantes para a formação de uma impressão de personalidade foi induzido pelas instruções experimentais (Anexo C). O alvo da impressão era 1) Bairro ou 2) Habitantes do Bairro, uma vez que anteriormente foram encontradas diferenças entre as duas condições (Bernardo, 2011).

Medidas Dependentes. Foram utilizadas escalas de *Likert* de 9 pontos para medir os Julgamentos de Impressão, Julgamentos de Entitatividade e Confiança na Resposta (Anexo D), adaptadas de estudos anteriores (Bernardo, 2011). A escala de Julgamento de Impressão avaliou a impressão dos participantes relativamente a domínios psicossociais dos habitantes do bairro (p.e., nível de desportivismo, sociabilidade, ...). Após cada item da escala de Julgamento de Impressão, foi pedido aos participantes que registassem a sua confiança na resposta. Na escala de Julgamento de Entitatividade foi pedida uma avaliação da perceção de entitatividade entre os membros do grupo e uma avaliação das características físico-espaciais de acordo com características

anteriormente testadas como tendo uma forte correlação com maior ou menor percepção de entitatividade (Bernardo, 2011).

Procedimento

Todos os participantes leram o consentimento informado e concordaram em participar no estudo. O experimento iniciou-se sempre com as instruções experimentais que descreviam a tarefa e induziam os participantes para a formação de impressão sobre um alvo. De seguida, eram apresentadas as fotografias e as descrições comportamentais que poderiam ser ou não congruentes no seu nível de entitatividade. As fotografias foram sempre apresentadas por ordem aleatória durante 10 segundos. Após visualizarem as fotografias, eram apresentadas 8 frases congruentes ou incongruentes com o nível de entitatividade anterior. As frases eram apresentadas durante 10 segundos, ao centro e em ordem aleatória. Após a apresentação dos estímulos, surgiam os 22 itens de julgamento. Todas as escalas apareciam na mesma página de resposta, ao mesmo tempo e a ordem foi mantida em todas as versões. Desta forma, os primeiros itens correspondiam ao julgamento de impressão, intercalados com um item de avaliação da confiança na resposta dada. Seguidamente era apresentada a escala de julgamento de entitatividade e, por fim, o julgamento relativo às características do físico-espaciais.

Resultados e Discussão

A análise dos dados obtidos, foi feita com recurso à plataforma software *SPSS* (versão 26). Não foram identificados *outliers* nos dados, de forma que a amostra final foi composta por 161 participantes entre os 17 e os 56 anos ($M= 22.72$, $DP= 7.703$), de ambos os géneros (107 feminino, 54 masculino).

Análise Fatorial Exploratória

Inicialmente, foram criadas as escalas correspondentes aos quatro grupos de itens da tarefa de julgamento final, surgindo assim, dos 22 itens de avaliação, 4 escalas: 1) Características do Grupo, 2) Características do Bairro, 3) Confiança dos participantes nas avaliações e 4) Características dos Habitantes. Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória, com rotação Varimax que destaca a existência de 4 fatores. Em seguida foi realizada uma análise de confiabilidade da escala: Características do Grupo, $\alpha=0.92$; Características do Bairro, $\alpha=0.85$; Confiança dos participantes nas respostas, $\alpha=0.85$; Características dos Habitantes, $\alpha=0.73$). Estes valores evidenciam uma elevada confiabilidade das escalas.

Normalidade

Realizou-se uma Análise Exploratória que permitiu confirmar, com recurso a *boxplots*, a ausência de *outliers* e confirmar uma distribuição aproximadamente normal dos dados. A homogeneidade de variâncias foi garantida para duas escalas de variáveis dependentes (Características do grupo, $p=0.569$ e Confiança dos participantes das avaliações, $p=0.096$), mas não para as escalas Características do bairro, $p=0.016$ e Características dos habitantes, $p=0.016$.

Análise de Variância

Para a análise dos dados, realizou-se uma ANOVA multivariada a 3 fatores, (Entitatividade x Julgamento x Alvo). Encontrou-se um efeito principal significativo da Entitatividade (Alta vs. Baixa) para as escalas Características do Grupo, $F(1, 161)=8.919$; $p=0.003$, $MS=18.418$, $\eta_p^2=.055$ e Características do Bairro, $F(1, 161)=117.866$; $p<0.001$, $MS=157.483$, $\eta_p^2=.435$ (Figura 1), o que significa que há um efeito das

propriedades físicas e espaciais presentes nas fotografias no grau de entitatividade percebido, o que leva a um conjunto de inferências acerca das características psicossociais dos grupos, i.e., bairros. Quando a percepção de entitatividade é maior, o grupo é avaliado como tendo maiores níveis de interação, sendo mais coeso, organizado, etc. Para além disto, uma maior percepção de entitatividade resulta também numa avaliação dos bairros como tradicionais, pobres, pequenos, entre outras características. Na condição de Entitatividade Baixa, o padrão de resultados é o oposto. Estes resultados vão de encontro com as expectativas e previsões encontradas na literatura (Bernardo, 2011; Lickel et al., 2000). É ainda possível verificar que os

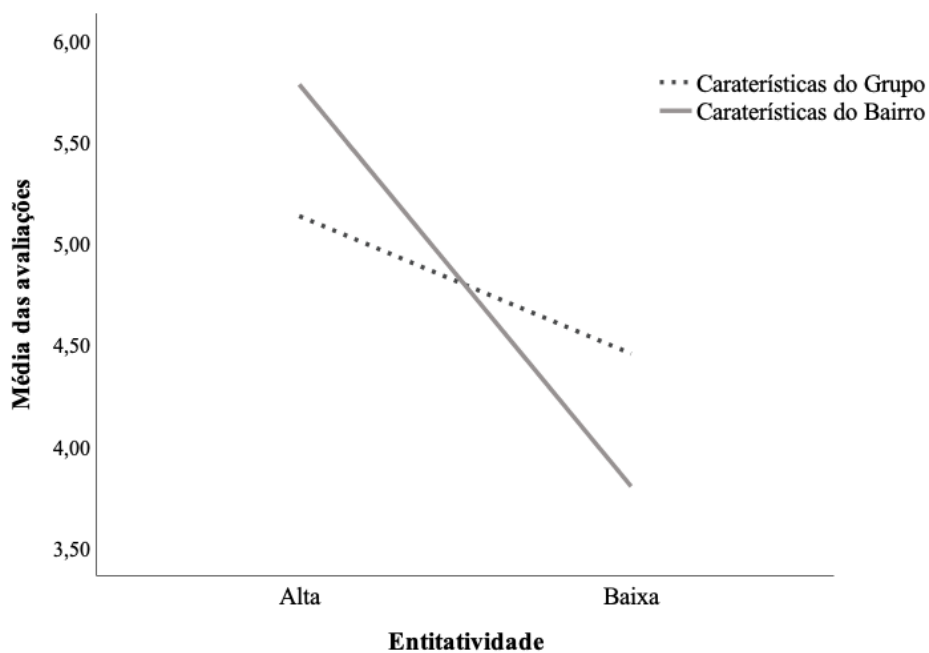


Figura 1. Média das avaliações das Características do Grupo e Características do Bairro nas condições de Alta e Baixa Entitatividade.

julgamentos relativos às Características do Bairro são mais extremos que os julgamentos das Características do Grupo (Figura 1). Este resultado vai de encontro com os resultados reportados anteriormente por Bernardo (2011) que predizem que as inferências sociais acerca do grupo, i.e., o grau de entitatividade, são feitas com base na avaliação das características físicas e espaciais do lugar. Desta forma, sendo que uma

avaliação é feita com base numa outra, faz sentido que a última origine julgamentos mais extremos.

A variável Alvo (Grupo vs. Bairro) apresentou um efeito principal significativo na escala de avaliação das Características dos Habitantes, $F(1, 161) = 5.054; p=0.026$, $MS= 5.410, n_p^{2=}.032$, sendo que a média foi superior quando o alvo de impressão era o Grupo, i.e., habitantes do bairro ($M=5.21, DP=0.12$) do que quando era o alvo era o Bairro ($M= 4.84, DP= 0.12$). Esta diferença demonstra que os participantes atribuíram valores mais extremos na avaliação das características dos habitantes, nas condições em que eram instruídos para formar uma impressão sobre os mesmos do que quando era pedido que formassem uma impressão sobre o bairro. Este único efeito significativo da

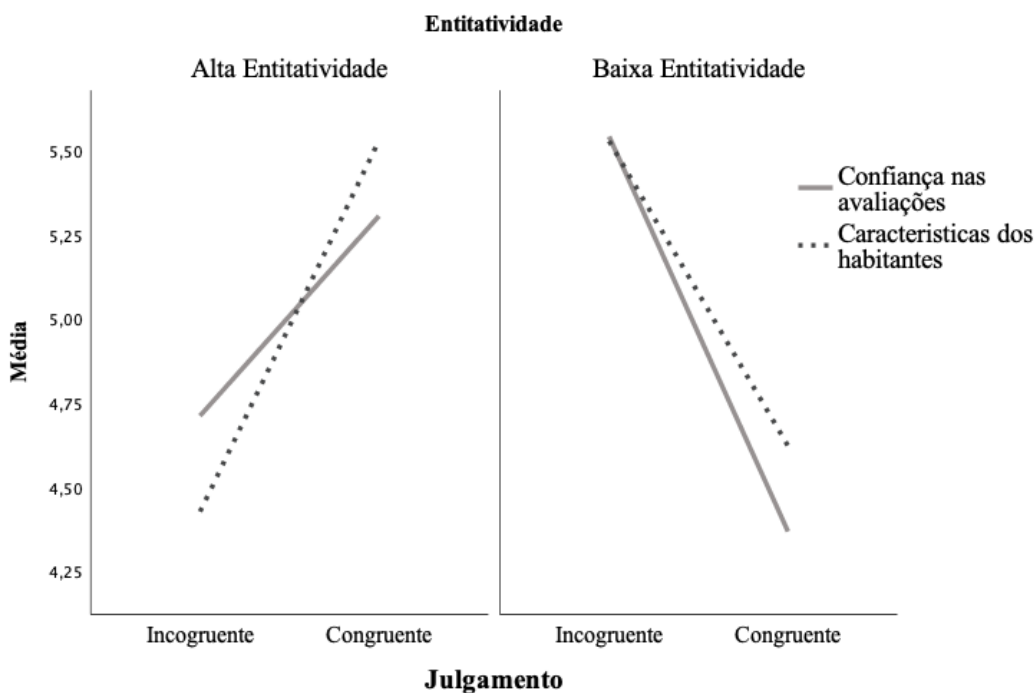


Figura 3. Média das avaliações das Características dos Habitantes e Confiança nas avaliações nas condições de Alta e Baixa Entitatividade e Julgamento Congruente e Incogruente.

variável Alvo vai de encontro com a hipótese 3 e justifica-se por uma maior predisposição para fazer inferências sobre os traços dos habitantes do bairro quando as instruções assim o induziam.

Verificou-se um efeito de interação significativo entre as variáveis Julgamento e Entitatividade (Figuras 2 e 3) para todas as escalas de avaliação: Características do Grupo, $F(1,161)=7.418$; $p < 0.001$, $MS= 36.067$, $n_p^{2=}$.102; Características do Bairro $F(1, 161)= 11.298$; $p < 0.001$, $MS= 15.095$, $n_p^{2=}$.069; Características dos Habitantes $F(1, 161)= 36.097$; $p < 0.001$, $MS= 38.641$, $n_p^{2=}$.191 e Confiança dos participantes nas avaliações $F(1, 161)= 11.840$; $p=0.001$, $MS= 30.955$, $n_p^{2=}$.072. Estes resultados vão de encontro à H4 em que se esperava um efeito de interação entre as duas variáveis. Mais

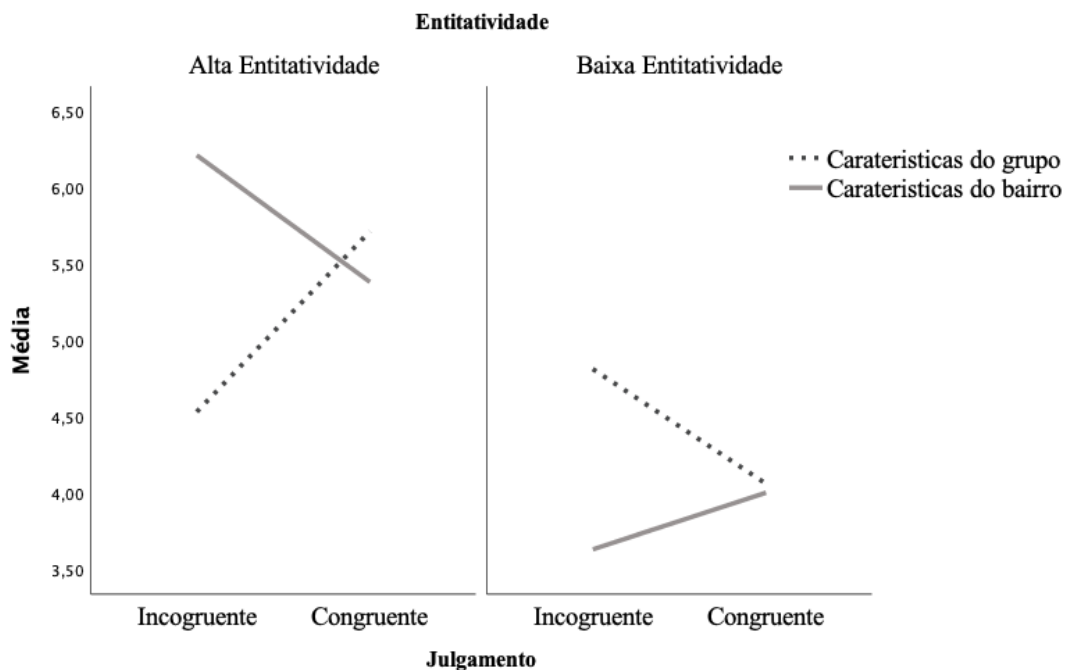


Figura 2. Média das avaliações das Características do Grupo e Características do Bairro nas condições de Alta e Baixa Entitatividade e Julgamento Congruente e Incongruente.

concretamente uma maior diferença nas avaliações na condição de Alta Entitatividade, a diferença entre congruência e incongruência seria superior, pois as inferências feitas nesta condição deverão ser superiores na sua força comparativamente à condição Baixa Entitatividade.

Pretendeu-se de seguida confirmar que foi o Julgamento (Congruente vs. Incongruente) e não o Alvo (Bairro vs. Grupo) a dar origem às diferenças nas escalas de avaliação. Desta forma, foi realizado um *split file* da base de dados entre os dois níveis

da variável Entitatividade (Alta vs. Baixa), pois de acordo com a literatura, é expectável que existam diferenças nas avaliações de grupos com graus de entitatividade diferentes (Bernardo, 2011). Como é visível através da Tabela 1, as diferenças nos julgamentos das quatro escalas foram determinadas pela interação entre a variável Julgamento (Congruente vs. Incongruente) e Entitatividade (Alta vs. Baixa). Ou seja, as diferenças significativas nas avaliações são originadas pela incongruência, i.e., efeito de incongruência, juntamente com o nível de Entitatividade (Alto vs. Baixo).

Tabela 1

Média e Desvio-Padrão das respostas das VD nas condições de congruência e incongruência em cada nível da variável Entitatividade

		Alta Entitatividade		Baixa Entitatividade	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Características do grupo	Congruente	5.70*	.233	4.80*	.225
	Incongruente	4.53*	.238	4.07*	.212
Características do Bairro	Congruente	5.38*	.145	4.01	.218
	Incongruente	6.21*	.149	3.61	.205
Características dos habitantes	Congruente	5.53*	.132	4.64*	.194
	Incongruente	4.43*	.135	5.51*	.182
Confiança nas avaliações	Congruente	5.29	.233	4.37*	.282
	Incongruente	4.72	.238	5.56*	.265

**diferença entre médias estatisticamente significativa ($p < 0.05$)*

A partir da análise da tabela é possível verificar que a indução de incongruência produziu diferenças no julgamento das características dos habitantes, i.e., nos traços de personalidade. Na condição de Alta Entitatividade, a incongruência entre as descrições comportamentais e a percepção de entitatividade feita através das fotografias, levava os participantes a classificar os membros do grupo como significativamente menos inteligentes, sociáveis, ativos em política e em desporto. O oposto aconteceu na condição de Baixa Entitatividade em que os comportamentos incongruentes aumentaram a avaliação destas características nos membros do grupo.

A confiança nas avaliações de traço apenas se relevou significativa na condição de Baixa Entitatividade, sendo maior quando era apresentada informação incongruente do que congruente. Na condição de Alta Entitatividade, embora exista uma tendência para uma resposta menos confiante quando a informação é incongruente do que quando é congruente, a diferença não é significativa.

É possível ainda verificar que a avaliação das características do grupo (i.e., avaliação da entitatividade) foram inferiores quando eram apresentados comportamentos incongruentes com o estereótipo do grupo. ou seja, quando as descrições comportamentais não estavam coerentes com a entitatividade percebida através das fotografias, os grupos eram julgados como sendo menos entitativos do que acontecia na condição de congruência.

O Julgamento (Congruente vs. Incongruente) não se demonstrou significativo na condição de Baixa Entitatividade, na escala de avaliação das características do bairro, $F(1, 76) = 1.753; p = 0.189, MS = 3.117, \eta^2 = .022$, o que é um resultado particularmente interessante, pois demonstra que existe um papel da força das expectativas comportamentais (percebidas através das fotografias e que são mais fortes para AE), e que quando essas expectativas comportamentais são violadas, produzem efeitos na

percepção visual e avaliação das características físicas e espaciais do bairro. Quando a entitatividade percebida é menor, a avaliação de aspectos espaciais não é afetada pela indução de incongruência porque as expectativas não são quebradas no mesmo grau.

Estudo II

Através do experimento 1 foi possível confirmar a existência de expectativas no comportamento de habitantes de determinados bairros habitacionais e do impacto das mesmas nos julgamentos acerca do grupo. Um aspeto importante relativamente aos estereótipos e que tem sido estudado, é até que ponto informação relevante consegue confirmá-los ou desconfirmá-los e fazer com que as pessoas os reavaliem. Os resultados encontrados confirmam a hipótese de que informação não confirmatória não tem o mesmo peso que a que sustenta as crenças e que uma correlação ilusória entre dois eventos coocorrerem com mais frequência do que realmente ocorrem surge como consequência deste efeito. Desta forma, decidiu-se investigar se através destes grupos é possível reproduzir o efeito das correlações ilusórias baseadas na expectativa, tal como encontrado por Hamilton e Rose (1980).

O objetivo deste estudo consiste em avaliar até que ponto os estereótipos sobre bairros vão influenciar o processamento de informação sobre os seus membros. O efeito de correlações ilusórias postula que itens congruentes com a expectativa são sobrestimados em comparação com itens neutros. Até que ponto dois comportamentos igualmente correlacionados com um grupo, mas em que um é estereotípico do mesmo e o outro não, vão ser recuperados em memória de forma diferente? Desta forma, espera-se que (H1) comportamentos estereotípicos sejam estimados com maior frequência do que comportamentos neutros, mesmo aparecendo o mesmo número de vezes no grupo associado.

Método

Participantes

O experimento foi desenhado para que a recolha de dados fosse realizada nos Laboratórios de Psicologia Experimental, da Faculdade de Psicologia da Universidade

de Lisboa, contudo, não foi possível devido ao confinamento ordenado pelo surto COVID-19. Por este motivo, a recolha foi feita *online*, com recurso à plataforma Qualtrics. Os participantes foram selecionados através da UC de Psicologia Social recebendo 0.5 créditos extra no final do semestre como recompensa por participarem no estudo.

Este estudo apresenta um design experimental 2 Bairro (Chelas vs. Parque das Nações) x 2 Frequência (Alta vs. Baixa) x 2 Correlação (Elevada vs. Moderada) x 2 Comportamento (Estereotípico vs. Neutro) e uma manipulação intra-participantes. A variável dependente utilizada foi a estimação de frequências dos comportamentos.

Instrumentos

Frases estímulo. Foram construídas listas de estímulo com 24 frases (Anexo E), 12 referentes a cada um de dois grupos. As frases estímulo tinham a mesma estrutura, mas o conteúdo nunca foi repetido. Em cada lista existiam dois grupos (Chelas ou Parque das Nações) e 8 descrições comportamentais associadas a um bairro ou a outro ou neutras (adaptadas de Bernardo, 2011). Em cada frase era apresentado um nome masculino, um dos dois grupos e dois comportamentos (p.e., “*O Simão, que vive em Chelas, sentou-se no sofá e ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.*”).

Comportamentos. Das 8 descrições comportamentais, 2 eram estereotípicos para Chelas, 2 para o Parque das Nações e 4 eram neutros para ambos (adaptados de Bernardo, 2011).

Frequência. Cada comportamento descreveu um maior número de vezes um grupo do que o outro. O grupo que o comportamento descrevia mais vezes designou-se de grupo de Alta Frequência e o que descrevia menos vezes, grupo de Baixa Frequência. O

comportamento “comeu um gelado”, por exemplo, descreve numa das listas mais vezes Chelas que o Parque das Nações, sendo por isso Chelas o seu grupo de Alta Frequência. Os comportamentos estereotípicos de um grupo foram sempre comportamentos de Alta Frequência nos mesmos, ou seja, a correlação entre os comportamentos e os grupos confirmava sempre as expectativas em relação ao mesmo.

Correlação. Cada um dos comportamentos surgiu 6 vezes na lista, mas não descrevia cada grupo o mesmo número de vezes. Foi também manipulado o número de vezes que o comportamento descrevia o grupo de forma a que cada comportamento quer estereotípico, quer neutro, se correlacionasse forte ou moderadamente com um dos grupos. Metade dos comportamentos descreviam o seu grupo de Alta Frequência seis vezes, não descrevendo nenhuma vez o outro grupo. Esta condição designou-se de Correlação Elevada. A outra metade descrevia o grupo de Alta Frequência 4 vezes e o grupo de Baixa Frequência 2, considerando-se ser uma Correlação Moderada.

Construção de frases. O emparelhamento dos comportamentos nas 16 frases de cada lista foi feito de forma a que os dois comportamentos estereotípicos de um grupo nunca aparecessem na mesma frase. Os pares de comportamentos gerados procuraram que cada par aparecesse o mesmo número de vezes que os outros, ou seja, dois comportamentos não aparecessem na mesma frase mais vezes que outros pares. Não foi possível contrabalançar perfeitamente devido à manipulação do número de apresentação de cada comportamento (i.e., Frequência e Correlação), mas as diferenças foram minimizadas.

Foram criadas 4 listas que controlaram aspetos diferentes, sendo que duas das listas utilizaram diferentes comportamentos como sendo os de Alta ou Baixa Frequência de um grupo e as outras duas serviram para contrabalançar a ordem de apresentação dos comportamentos para controlar efeitos de ordem.

Procedimento

Todos os participantes leram o consentimento informado (Anexo H) e concordaram em participar no estudo. O experimento iniciou-se com as instruções experimentais (Anexo F) e pediu-se aos participantes que estivessem atentos às frases apresentadas de seguida. Cada uma das 4 listas correspondia a uma versão, sendo que um participante via apenas uma das listas. Todas as 24 frases permaneciam 8 segundos no ecrã, sempre centradas e em ordem aleatória. De seguida, era pedido aos participantes que estimassem a frequência de cada comportamento para cada um dos grupos. Para isto foram criadas duas folhas de resposta para que estimassem as frequências de cada um dos comportamentos para cada um dos bairros (Anexo G). Foram primeiro pedidas as estimativas de frequências de Chelas e depois do Parque das Nações.

Após a estimativa, foi perguntado se conheciam Chelas numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 – “extremamente conhecedor” a 5 – “nada conhecedor”) e se conheciam o Parque das Nações (1 – “nada conhecedor” a 5 “extremamente conhecedor”).

Resultados e Discussão

A amostra foi composta por 74 participantes. Foram encontrados 4 *outliers* nos resultados posteriormente eliminados da análise, por terem valores superiores a 3 desvios-padrão da média de respostas ($M_{total}= 73.20$, $DP_{total}= 34.93$). Desta forma, as análises realizadas contam com um total final de 70 participantes, entre os 18 e os 58 anos ($M= 21.59$, $DP= 7,043$) de ambos os géneros (63 feminino, 5 masculino, 2 outro).

Foi realizado um teste-t de amostras independentes para determinar se existiam diferenças entre as quatro versões de listas experimentais, concluindo-se que não existem diferenças significativas.

Esfericidade

Em primeiro lugar, o pressuposto de esfericidade foi automaticamente confirmado, uma vez que todas as variáveis independentes têm apenas dois níveis. Por esta razão, o teste de Mauchly de esfericidade não apresenta valores de significância e é possível assumir que as diferenças entre os diferentes níveis das VI têm variâncias semelhantes.

Análise de Variância

As estimativas de frequência foram analisadas através de uma análise de variância ANOVA de medidas repetidas aos fatores 2 Bairro (Chelas vs. Parque das Nações) x 2 Frequência (Alta vs. Baixa) x 2 Correlação (Elevada vs. Moderada) x 2 Comportamento (Estereotípico vs. Neutro). As comparações múltiplas foram realizadas sempre com recurso à correção Bonferroni.

Verificou-se uma interação entre a Frequência e o Tipo de Comportamentos. Mais concretamente, na condição de Alta Frequência, os comportamentos estereotípicos foram mais sobrestimados que os comportamentos neutros, tal como é possível observar pela Figura 4, sendo esta interação entre Frequência e Comportamentos altamente significativa, $F(1, 69) = 38.53, p < 0.001, MS = 194.22, \eta_p^2 = 0.358$. Este resultado vai de encontro à hipótese estipulada inicialmente que previa que no grupo de alta frequência dos comportamentos, comportamentos estereotípicos seriam sobrestimados em relação aos comportamentos neutros, mesmo aparecendo o mesmo número de vezes. Tendo em conta esta interação, calculou-se o efeito simples dentro da condição Alta Frequência e

verificou-se um efeito bastante significativo, $F(1,69)= 14.427, p<0.001, \eta_p^2= 0.173$, o que significa que nesta condição, a diferença entre a estimativa de frequências para comportamentos estereotípicos e neutros foi significativa. Como é possível verificar na Figura 4, comportamentos estereotípicos foram estimados em maior frequência que os neutros.

Não eram esperadas diferenças na condição de Baixa Frequência, uma vez que todos os traços eram considerados neutros nesta condição (i.e., no seu grupo de baixa

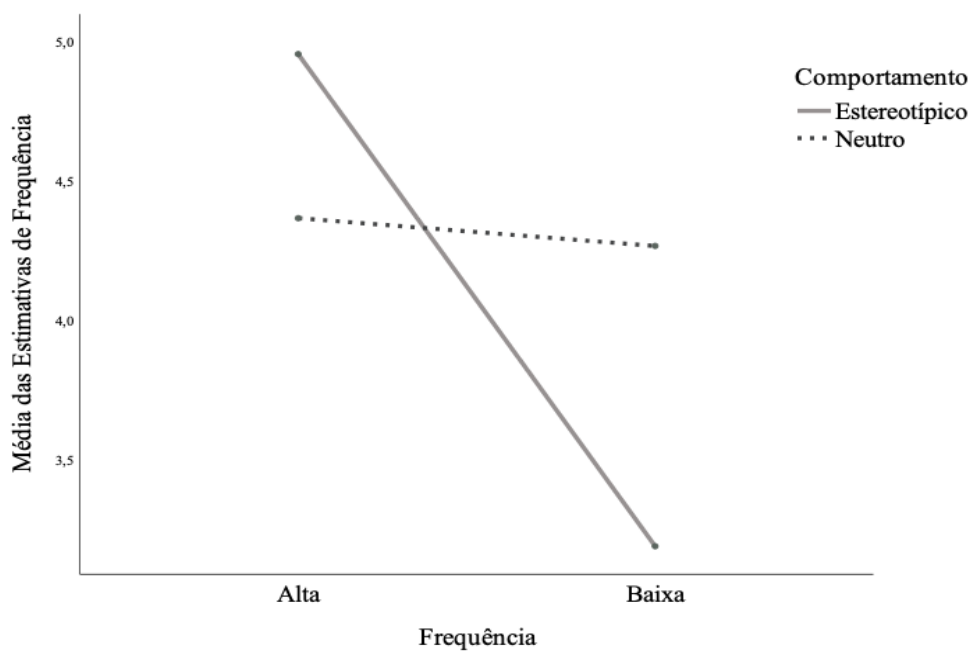


Figura 4. Média das estimativas de frequência de comportamentos estereotípicos e neutros nos grupos de alta e baixa frequência.

frequência), contudo, verificou-se também um efeito simples para a condição de baixa frequência $F(1,69)=30.63, p<0.001, \eta_p^2= 0.307$ que demonstra, tal como se pode ver pela Figura 1, que os comportamentos estereotípicos (mas que eram sempre neutros no seu grupo de baixa frequência) foram estimados como tendo ocorrido significativamente menos vezes do que os neutros para ambos os grupos. Este resultado foi também encontrado por Hamilton e Rose (1980) e os autores referem não existir “uma explicação óbvia para o efeito”.

Em suma, os comportamentos neutros foram menos sensíveis à manipulação da frequência enquanto que os estereotípicos foram sobrestimados em maior grau no seu grupo de alta frequência, o que apoia a hipótese principal deste estudo. Contudo, na condição de Baixa Frequência, em que todos os comportamentos são neutros (neutros para ambos e neutros para o grupo de baixa frequência), verificou-se uma sobrestimação dos que são estereotípicos do outro grupo, mesmo que sejam neutros para o presente, podendo este resultado ser uma falha no processamento de informação (Robarth, Evans, & Fulero, 1979, *cit. in* Hamilton & Rose, 1980).

Hamilton e Rose (1980) fazem uma advertência a estes resultados que é necessária repetir nos presentes, pois a análise anterior pode levar ao questionamento da eficácia do experimento. Verificou-se um efeito significativo na condição de Baixa Frequência, em que os comportamentos estereotípicos foram significativamente mais sobrestimados, o que pode sugerir que as estimativas de frequência não estavam relacionadas com a manipulação em si, mas foram feitas com base num *guessing* em que os participantes estimavam que os comportamentos estereotípicos surgiram sempre mais vezes. Para ajudar nesta hipótese, as correlações confirmavam sempre as crenças e, por este motivo, os resultados encontrados poderiam ser considerados um *confound*. Contudo, esta hipótese explicativa para os resultados é refutada pelo efeito principal da variável Frequência $F(1,69)=40.76, p<0.001, MS= 244.22, \eta_p^2= 0.371$ que comprova, tal como esperado, que os comportamentos, quer estereotípicos, quer neutros, são mais recordados na condição de Alta Frequência. Embora esta justificação explique o efeito significativo de comportamentos estereotípicos, não justifica o efeito dos comportamentos neutros na condição de Alta Frequência.

Verificou-se um efeito de interação significativo entre a Frequência e a Correlação $F(1,69)=22.78, p<0.001, MS= 96.644, n_p^2= 0.248$, o que revela que os participantes foram capazes de distinguir a força de associação dos comportamentos, para além das correlações relacionais. Tal como esperado, a diferença de estimativas de frequência entre grupos de Alta ou Baixa Frequência foi superior para a condição de Correlação Elevada, tendo um efeito simples altamente significativo $F(1,69)=50.83,$

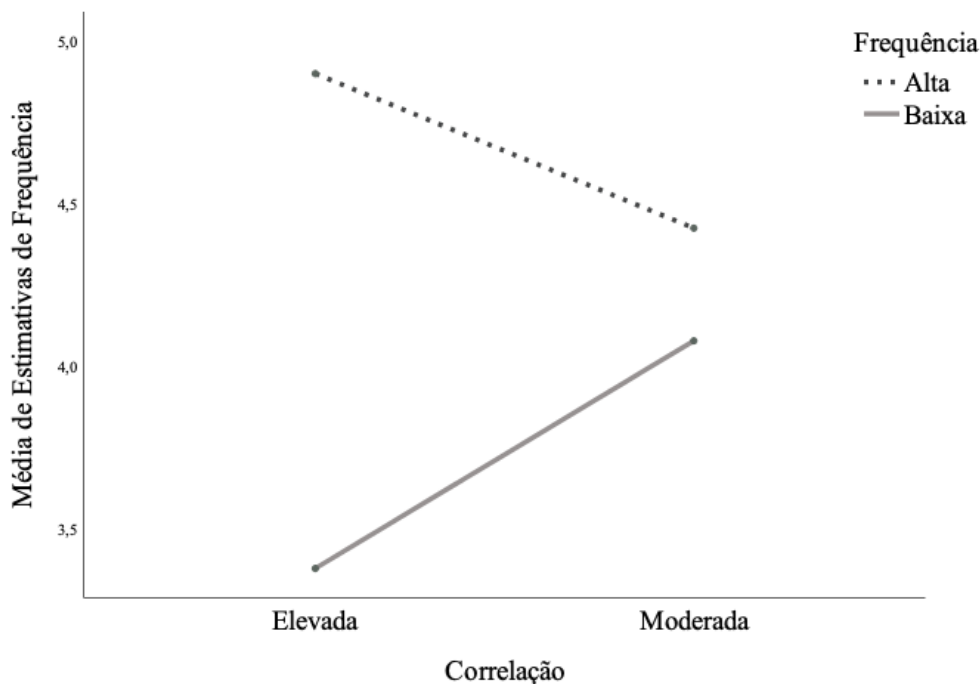


Figura 5. Média das estimativas de frequência nos grupos de alta e baixa frequência e correlação elevada e moderada.

$p<0.001, n_p^2= 0.424$ (Figura 5). Contudo, a diferença entre os dois níveis da variável Frequência também foram significativos na condição de Correlação Moderada, $F(1,69)=4.353, p=0.041, n_p^2= 0.059$.

A diferença significativa na condição Correlação Elevada justifica-se pela ausência de comportamentos neutros nas condições de Baixa Frequência, uma vez que na condição Correlação Elevada, os participantes viram 6 comportamentos estereotípicos na condição Alta Frequência (significativamente sobrestimada) e

nenhuma vez os comportamentos neutros na condição Baixa Frequência. Contudo, dentro da condição Correlação Moderada, os participantes viram um comportamento 4 vezes na condição Alta Frequência e 2 vezes na condição Baixa Frequência, o que justifica o decréscimo das estimativas do grupo de Alta Frequência, mas não o aumento tão acentuado da Baixa Frequência (Figura 5). Este resultado indica a possível necessidade de atualização dos comportamentos, fazendo um pré teste para compreender como se relacionam os mesmos com os grupos em questão. Alguns dos comportamentos classificados como neutros podem não o ser. Este aspeto será discutido na discussão e limitações.

Verificaram-se diferenças significativas entre as variáveis Bairro e a Correlação $F(1,69)=6.131, p=0.016, MS=19.294, n_p^2= 0.082$ (Figura 6), o que indica que os participantes diferenciaram entre a força das correlações e o bairro correspondente. Através de uma análise de efeitos simples para ambos os fatores, foi possível compreender melhor esta diferença e concluiu-se que, relativamente à variável Correlação, a diferença entre estimativas de frequência para os dois bairros só foi significativa na condição de Correlação Elevada $F(1,69)= 6.804, p=0.011, n_p^2= 0.090$, enquanto que na condição Correlação Moderada, as diferenças não foram significativas $F(1,69)=0.222, p=0.639, n_p^2= 0.003$.

Este resultado indica que apenas quando os participantes só viam comportamentos estereotípicos do grupo (condição Correlação Elevada apresenta 6 comportamentos estereotípicos e 0 neutros), foram capazes de diferenciar os bairros e respetivos comportamentos. Por outro lado, quando viam comportamentos 4 estereotípicos e 2 neutros (Correlação Moderada), as diferenças das estimativas de frequência para os diferentes bairros perdiam o efeito. Mais uma vez, estes resultados apontam para um problema nos materiais que poderão não ser distintivos o suficiente.

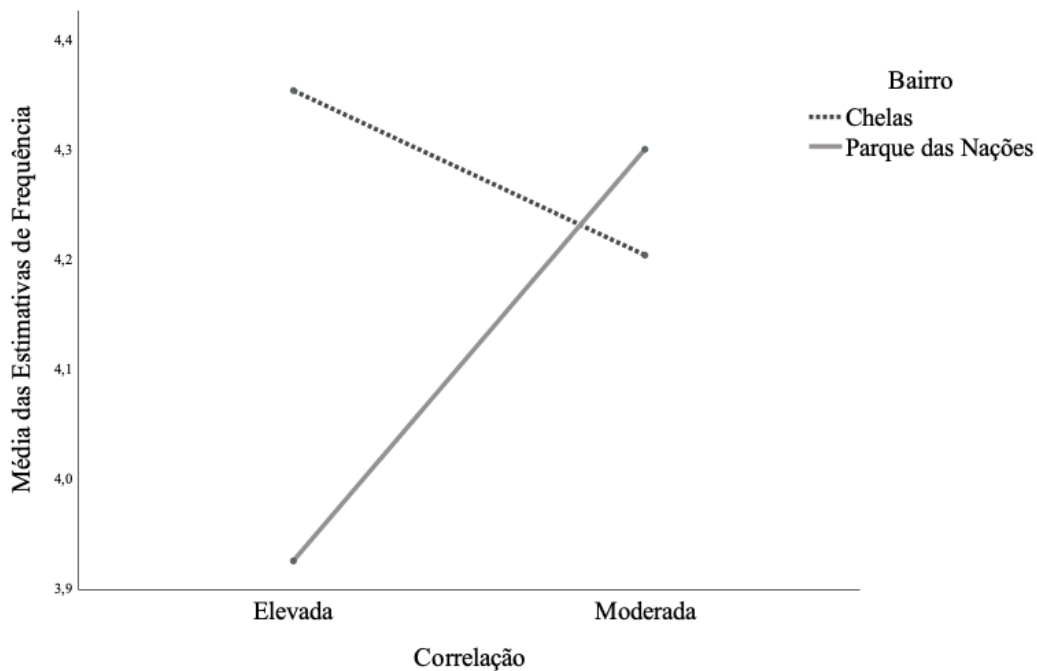


Figura 6. Média das estimativas de frequência de comportamentos para os bairros de Chelas e Parque nas Nações nos grupos de correlação elevada e moderada.

Uma hipótese é a de que os comportamentos usados sejam suficientemente distintivos para a inferência de entitatividade sobre os habitantes (adaptados de Bernardo, 2011, num estudo com este objetivo), porém, não sejam diagnósticos o suficiente para serem julgados como estereotípicos dos grupos. Para além disto, os comportamentos estereotípicos de um grupo não foram pré testados como sendo neutros do outro.

Analisando os efeitos simples da variável Bairro, é possível verificar, por outro lado, que a diferença de estimativas nas diferentes condições de Correlação, apenas é significativa para o Parque das Nações $F(1,69)=9.292, p=0.003, \eta_p^2= 0.119$, enquanto que para a condição do Bairro de Chelas, as diferenças não são significativas, $F(1,69)=1.127, p=0.292, MS= ?, \eta_p^2= 0.016$. Uma possível explicação deste resultado encontra-se novamente num problema de materiais que requerem um novo pré-teste.

Para além destes resultados, embora as diferenças na Correlação tenham sido significativas, o padrão de resultados observado (Figura 6) no Parque das Nações pode ser ainda explicado pela força de estereótipos menor, por ser um grupo de Baixa

Entitatividade, o que faz com que os resultados sejam mais imprevisíveis e estejam mais correlacionados com características específicas do grupo em questão.

Foi ainda possível verificar um efeito de interação marginal entre Bairro (Chelas vs. Parque das Nações) e Comportamento (Estereotípico vs. Neutro), $F(1, 69)=2.999$, $MS=10.22$, $p=0.088$, $n_p^2=0.42$ e um efeito entre Bairro (Chelas vs. Parque das Nações), Correlação (Elevada vs. Moderada) e Comportamento (Estereotípico vs. Neutro), $F(1, 69)=2.961$, $MS=7.72$, $p=0.090$, $n_p^2=0.41$.

Discussão geral

Em dois estudos foram testados os efeitos das expectativas acerca do comportamento de residentes de um bairro no processamento de informação e formação de impressões sobre os mesmos quando informação confirmatória ou contrária com essas expectativas era apresentada. A ativação de estereótipos sobre os lugares foi feita através de características espaciais do espaço apresentadas numa fotografia, no estudo 1 e através do nome do bairro que os sujeitos conheciam, no estudo 2. Embora o estímulo que desencadeia a resposta estereotípica seja diferente nos dois experimentos, ambos deixam claro que as pessoas possuem teorias sociais sobre os lugares e sobre os seus residentes e que informação que não suporte essas teorias não é processada da mesma forma que informação confirmatória.

Efeito de incongruência

O objetivo do primeiro estudo foi determinar o impacto de informação incongruente na forma como esta é organizada e como são formadas impressões sobre um bairro e os seus habitantes. Para isto foram apresentadas fotografias de diferentes espaços relativas a bairros habitacionais sobre os quais os sujeitos perceberam diferentes graus de entitatividade, ativando conseqüentemente os estereótipos associados ao lugar. Para grupos com uma entitatividade percebida superior, os julgamentos de traço foram mais extremos, bem como a confiança nas respostas foi superior, devido ao processamento integrativo e *online* da informação apresentada. Para grupos com baixa entitatividade percebida, os resultados são opostos devido a um processamento baseado em memória (Bernardo, 2011).

Julgamentos de entitatividade

Os resultados do presente estudo demonstraram ainda que as características do grupo relativas à entitatividade do mesmo foram avaliadas de forma diferente quando a informação comportamental era congruente ou incongruente com o grau de entitatividade e consequentes expectativas eliciadas pelas fotografias. Isto significa que os sujeitos perceberam o grupo de alta entitatividade como menos entitativo quando eram apresentados comportamentos incongruentes com as expectativas. Verificou-se o mesmo para o grupo de baixa entitatividade, embora a diferença entre o tipo de comportamentos apresentado tenha sido menor, o que revela que as expectativas também eram menos acentuadas. Este resultado permite concluir que a indução de incongruência entre a percepção de entitatividade através das fotos e as descrições comportamentais afetaram os julgamentos do grupo relativamente ao grau de entitatividade. O decréscimo nos julgamentos de entitatividade para ambos os grupos quando foi apresentada informação incongruente com as expectativas é um resultado presente na literatura. Garcia-Marques e Mackie (1999) demonstraram que a apresentação de informação incongruente causa um aumento na variabilidade percebida de grupos sociais. Desta forma, faz sentido que os julgamentos dos sujeitos tenham remetido para respostas menos entitativas quando apresentados comportamentos contraditórios com as expectativas.

Um dos resultados mais interessantes e que mais contribui para a investigação sobre a importância do espaço geográfico na formação de impressões, diz respeito às diferenças detetadas na avaliação de características espaciais do bairro quando informação incongruente foi apresentada. A hipótese experimental de que a componente social e espacial estão interligadas e são ambas fontes importantes de informação para a percepção de entitatividade e formação de impressões já foi proposta por outros autores

(e.g. Gosling et al., 2002; Bernardo, 2011). Contudo, existe uma diferença entre o espaço percebido criar uma expectativa sobre o alvo e, em situações em que a componente social é modificada, a percepção do próprio espaço ser também alterada. Este é um resultado que comprova que a ligação entre o social e o espacial é um processo dinâmico bidirecional, em que alterações num dos lados influencia diretamente a percepção do outro. Se o espaço cria expectativas sobre o comportamento social esperado, um determinado comportamento pode levar a uma avaliação diferente desse espaço. É ainda particularmente interessante que este resultado apenas tenha sido verificado nas fotografias do bairro de Chelas onde a percepção de entitatividade é superior, pois neste bairro existem expectativas mais fortes e a ligação entre os dois componentes é mais sensível a informação que não confirme os estereótipos. Ou seja, é pela existência de estereótipos com maior força que a informação incongruente provoca uma alteração na avaliação das características espaciais do lugar. Contudo, a direção das diferenças vai no sentido de reafirmar mais a entitatividade. Ou seja, os participantes avaliam os espaços como mais pobres, mais tradicionais, etc. (as características associadas a uma maior percepção de entitatividade) quando é apresentada informação incongruente. Uma possível explicação para este resultado é que os sujeitos poderão estar a tentar manter a sua avaliação de entitatividade inicial e quando essa avaliação é ameaçada, compensam com uma reavaliação das características espaciais de uma forma que permita compensar as lacunas induzidas pela componente comportamental. Ou seja, utilizam a reavaliação dos espaços como uma estratégia de compensação, tendo como objetivo a manutenção da entitatividade percebida através das fotografias.

Julgamento de traços de personalidade e confiança

O julgamento relativamente aos traços de personalidade dos habitantes foi influenciado pela indução de incongruência entre as expectativas derivadas das fotografias e as descrições comportamentais. Nesta escala, os participantes parecem ter-se baseado mais nas descrições comportamentais do que nas fotografias que geravam uma perceção de entitatividade quando estas eram incompatíveis. Ou seja, quando ambas as fontes de informação eram congruentes, os participantes avaliaram os membros do grupo de alta entitatividade como mais inteligentes, mais desportivos, sociáveis e ativos na política do que no grupo de baixa entitatividade. Contudo, quando as fontes de informação conflituem, isto é, o nível de entitatividade percecionado através das fotografias e os comportamentos apresentados não correspondem ao mesmo grau de entitatividade, os sujeitos baseiam-se nas descrições comportamentais para avaliar os traços de personalidade. Desta forma, diminuem as avaliações dos membros de entitatividade alta e aumentam no grupo de baixa entitatividade comparativamente a quando a informação é congruente.

A confiança nas avaliações dos participantes apenas foi significativa na condição de Baixa Entitatividade, sendo a menor confiança de todas as condições quando a informação apresentada era congruente com as expectativas e o maior grau de confiança quando era incongruente. Este resultado, embora pareça contraintuitivo numa primeira análise, pode ser um resultado direto da influência da informação comportamental na confiança dos julgamentos realizados. Isto é, quando os comportamentos apresentados são típicos de grupos entitativos, como é o que acontece quando é apresentada informação incongruente ao grupo de Baixa Entitatividade, os sujeitos têm mais confiança nos julgamentos das características dos habitantes do bairro. Este resultado poderá surgir porque, embora as fotografias levem a uma inferência de pouca unidade e

coesão grupal, os comportamentos descrevem um grupo sobre o qual é seguro fazer determinadas avaliações.

Correlações ilusórias baseadas na expectativa

A metodologia utilizada no segundo estudo foi adaptada do paradigma de Hamilton e Rose (1980) que avaliaram o impacto dos processos cognitivos na manutenção de crenças estereotípicas. No presente estudo, foi estabelecido o mesmo objetivo, contudo, o alvo das crenças estereotípicas não eram ocupações profissionais, mas bairros de residência. Enquanto que o objetivo principal de Hamilton e Rose (1980) era demonstrar que a manutenção de estereótipos pode ser influenciada por processos cognitivos automáticos guiados pela expectativa sobre grupos, no presente estudo foi particularmente relevante verificar que o mesmo nível de expectativas sobre o comportamento de médicos ou contabilistas podem ser encontradas para grupos que apenas coabitam no mesmo espaço geográfico. As pessoas possuem teorias acerca do comportamento de outras apenas com base no espaço geográfico. Por outras palavras, e de uma forma menos rigorosa, o conjunto de casas onde alguém vive determina que comportamentos são ou não esperados que faça, que traços são ou não esperados que possua, etc.

Neste estudo, informação congruente com crenças estereotípicas acerca de bairros foi estimada como tendo ocorrido com maior frequência do que informação estereotipicamente neutra, mesmo tendo aparecido o mesmo número de vezes. Este resultado vai de encontro a outros reportados na literatura (e.g. Rothbart, Evans, & Fulero, 1979; Hamilton & Rose, 1980) sobre a maior estimativa de frequência para eventos que confirmem expectativas anteriores, em comparação com eventos neutros. Este resultado fez com que os sujeitos tenham desenvolvido uma percepção errónea

acerca das relações entre os comportamentos e os bairros de uma forma que sustenta as crenças estereotípicas que já possuíam acerca dos grupos. A formação de correlações ilusórias baseadas na expectativa produz este efeito de confirmação sistemática do que já se acredita em primeiro lugar, impedindo que informação não confirmatória seja processada e recordada de acordo com os mesmos critérios e, em última instância, que os estereótipos sejam reavaliados ou que informação não confirmatória seja adicionada ao conjunto de eventos relevantes.

A justificação teórica deste enviesamento pode recorrer a diferentes modelos explicativos, mas é relativamente aceite por todos que a diferença ou lacuna se encontra na codificação e especialmente na fase de recuperação. De acordo com o modelo TRAP (Garcia-Marques & Hamilton, 1996), nova informação sobre um alvo vai ser integrada numa rede associativa em memória. Quando já existe informação sobre esse alvo, seja através de um primeiro traço apresentado sobre o mesmo ou através de estereótipos anteriores, existe uma expectativa acerca do seu comportamento e traços subsequentes. Toda a nova informação coerente com as expectativas será mais facilmente integrada na rede associativa e terá uma ligação direta ao nóculo do alvo com uma maior força associativa, pois é congruente com as expectativas do mesmo. Comportamentos neutros, por exemplo, ainda que ligados ao nóculo do alvo, não terão uma força associativa tão forte. Esta força correlacional vai ser decisiva no momento da estimativa de frequências. Ao pedir ao sujeito para estimar quantas vezes viu um comportamento específico para um alvo, se este estiver fortemente correlacionado com o nóculo principal vai ser mais facilmente recordado, levando o sujeito a inferir que se foi tão fácil recordar-se do comportamento, então deverá ter coocorrido com maior frequência i.e., heurística da acessibilidade (Tversky & Kahneman, 1973). Desta forma, são os estereótipos que contem expectativas acerca de componentes comportamentais que originam

enviesamentos automáticos pela forma como influenciam o processamento de informação e julgamento. Por este motivo torna-se particularmente difícil reavaliar estereótipos, pois grande parte da informação que é recordada vai de acordo com o que já era esperado pelos sujeitos e é um processo cognitivo inato sobre o qual os sujeitos não têm controlo significativo.

Considerações finais

Ao longo desta dissertação, foram apresentadas evidências que comprovam sistematicamente a hipótese que enquadra a identidade de lugar enquanto uma forma de identidade social. Foi possível explicar comportamentos sociais em bairros de residência pelos mesmos parâmetros definidos pelas teorias que explicam os comportamentos e processos de outros grupos sociais, verificando-se processos de discriminação, estereotipização, o impacto da saliência na identidade, estratégias de *coping* para quando esta é negativa, entre outras. O mesmo aconteceu para processos com uma componente cognitiva mais acentuada, como é o caso da percepção de entitatividade e formação de impressões. Foi possível entender que existem características espaciais do lugar que funcionam como pistas para as inferências psicossociais que são feitas sobre quem neles habitam. O objetivo desta investigação foi avaliar até que ponto estas inferências produziam estereótipos que pudessem influenciar a forma como a informação social é processada, tal como acontece para outros grupos sociais sobre os quais existem expectativas.

No primeiro estudo, a indução de incongruência entre as expectativas geradas a partir de fotografias de espaços e os comportamentos apresentados, provocou diferenças nos julgamentos posteriores, levando a uma reavaliação das características especiais da fotografia, no que se propõe que seja uma tentativa de compensação para manter os

juízos iniciais. No segundo estudo, a fonte de informação sobre o local foram os estereótipos prévios e o objetivo era avaliar até que ponto as expectativas pesariam no processamento de informação, ao ponto de gerar correlações ilusórias. Um problema de materiais que poderá ter influenciado os resultados, sendo que os comportamentos apresentados como típicos de um bairro podem ser mais eficazes na inferência de entitatividade do que funcionar enquanto estereotípicos do grupo em questão. De qualquer forma, foi possível verificar que comportamentos estereotípicos foram sobrestimados na sua frequência, mesmo quando apareceriam o mesmo número de vezes que comportamentos neutros.

A reprodução destes efeitos a partir de expectativas criadas por fotografias ou por representações existentes sobre um bairro de residência, acrescenta aspectos importantes à identidade de lugar. Para além disto, nesta dissertação, casas, ruas e bancos de jardim produziram efeitos semelhantes aos produzidos por médicos, contabilistas, ciganos ou evangélicos, o que reforça as implicações para a Cognição Social que não prevê que pensar sobre objetos é o mesmo do que pensar em pessoas.

Limitações e Estudos Futuros

Os julgamentos de impressão funcionaram como medida de memória implícita para registrar o efeito da indução de incongruência na formação de impressões. Contudo, o efeito de incongruência verificado por Hastie e Kumar (1979) e tipicamente encontrado na literatura de Cognição Social utiliza como tarefa de recuperação mnésica a recordação livre. No presente estudo, a recordação livre de comportamentos não foi realizada e seria importante em estudos futuros replicar o experimento com a utilização desta tarefa. Seria importante realizar esta tarefa para poder observar que a indução de incongruência produz efeitos nos julgamentos, e que para além disso, é mais facilmente recordada. Este resultado reafirmaria o papel dos estereótipos de bairros no processamento e recuperação de informação.

O segundo estudo foi realizado fora do contexto ideal, devido à pandemia COVID-19 que limitou o acesso aos Laboratórios de Psicologia Experimental da FPUL. Desta forma, não foi possível assegurar as condições desejáveis para a realização das experiências, o que pode ter influenciado os nos resultados finais, por ser um estudo que requer considerável atenção e concentração por parte dos participantes.

No presente estudo, por restrições de tempo e recursos, os materiais utilizados foram adaptados de estudos previamente existentes com confiança na sua representatividade para testar as hipóteses desejadas. Não surgiram diferenças entre as versões de estudo, o que não evidencia problemas imediatos com os problemas. Contudo, é importante refletir sobre as possíveis limitações dos mesmos, mais concretamente das descrições comportamentais utilizadas em ambos os estudos que poderão não ser suficientemente diagnósticas enquanto descrições estereotípicas dos grupos que se pressupôs que fossem. Os itens comportamentais foram gerados e

testados previamente, mas apenas para o contexto de percepção de entitatividade. Assim, é possível que sejam mais diagnósticos na inferência de entitatividade do que propriamente dos estereotípicos de um grupo. Como não foram testados como estereotípicos dos grupos em causa, é possível que tenham influenciado os resultados finais por serem comportamentos possivelmente mais genéricos e menos diagnósticos de cada um dos bairros, diminuindo o efeito pretendido. Da mesma forma, não foram testados como sendo neutros para os grupos que não deveriam representar.

Tendo em conta que as cidades são comunidades vivas e em constante evolução, a percepção sobre outros bairros poderá ter mudado desde a formulação inicial dos materiais. Assim, teria sido importante gerar e testar comportamentos novos pela sua atualidade.

Por fim, sugere-se que para estudos futuros se procure corrigir as limitações anteriormente descritas e se repita o teste destes efeitos, não apenas com os bairros utilizados nesta dissertação, mas com bairros de cidades ou até de países diferentes. A exploração do bairro como fonte de identidade de lugar é de grande importância para compreendermos a identidade social. Contudo, é também importante perceber se estas avaliações são uniformes em todos os bairros ou se outros fatores produzem resultados diferentes e, se sim, quais esses fatores. Esta sugestão para estudos futuros será importante para obter um maior nível de confiança no objetivo central desta dissertação: compreender como formamos impressões sobre bairros e os seus habitantes e a que tipo de enviesamentos estamos sujeitos enquanto o fazemos.

Referências

- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41(3), 258.
- Bernardo, F. (2011). Place Identity or the Place of Identity: contribution to a theory of social identity of place. Unpublished dissertation, University of Évora, Portugal
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2012). Place identity: A central concept in understanding intergroup relationships in the urban context. The role of place identity in the perception, understanding, and design of built environments, 35-46.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016). Identification with the neighborhood: Discrimination and neighborhood size. *Self and Identity*, 15(5), 579-598.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239-251.
- Brewer, M. B. (1979). In-group bias in the minimal intergroup situation: A cognitive-motivational analysis. *Psychological bulletin*, 86(2), 307.
- Brewer, M. B. (1993). Social identity, distinctiveness, and in-group homogeneity. *Social cognition*, 11(1), 150-164.
- Brewer, M. B., & Weber, J. G. (1994). Self-evaluation effects of interpersonal versus intergroup social comparison. *Journal of personality and social psychology*, 66(2), 268.
- Garcia-Marques, L., & Hamilton, D. L. (1996). Resolving the Apparent Discrepancy between the Incongruity Effect and the Expectancy-Based Illusory Correlation Effect: The TRAP Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 845–860. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.5.845>

- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype-incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal of Personality and social Psychology, 77*(5), 979.
- Marques, L. G., & Oliveira, J. M. P. (1988). National identities and levels of categorization: Self-stereotypes, attitudes and perception of other nationalities. In *Environmental social psychology* (pp. 312-319). Springer, Dordrecht.
- Gosling, S. D., Ko, S. J., Mannarelli, T., & Morris, M. E. (2002). A room with a cue: personality judgments based on offices and bedrooms. *Journal of personality and social psychology, 82*(3), 379.
- Hamilton, D. L. (1976). Cognitive biases in the perception of social groups.
- Hamilton, D. L., & Gifford, R. K. (1976). Illusory correlation in interpersonal perception: A cognitive basis of stereotypic judgments. *Journal of Experimental Social Psychology, 12*(4), 392-407.
- Hamilton, D. L., & Rose, T. L. (1980). Illusory correlation and the maintenance of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*(5), 832.
- Hamilton, D. L., & Sherman, J. W. (2014). Stereotypes. In *Handbook of social cognition* (pp. 17-84). Psychology Press.
- Hamilton, D. L., Dugan, P. M., & Trolie, T. K. (1985). The formation of stereotypic beliefs: Further evidence for distinctiveness-based illusory correlations. *Journal of personality and social psychology, 48*(1), 5.
- Hamilton, D. L., Sherman, S. J., & Castelli, L. (2002). A group by any other name—The role of entitativity in group perception. *European review of social psychology, 12*(1), 139-166.

- Hastie, R. (1980). Memory for behavioral information that confirms or contradicts a personality impression. *Person memory (PLE: Memory): The cognitive basis of social perception*, 155-178.
- Hastie, R., & Kumar, P. A. (1979). Person memory: Personality traits as organizing principles in memory for behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(1), 25.
- Lickel, B., Hamilton, D. L., Wierzchowska, G., Lewis, A., Sherman, S. J., & Uhles, A. N. (2000). Varieties of groups and the perception of group entitativity. *Journal of personality and social psychology*, 78(2), 223.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place-identity: Physical world socialization of the self. *Journal of environmental psychology*.
- Rothbart, M., Evans, M., & Fulero, S. (1979). Recall for confirming events: Memory processes and the maintenance of social stereotypes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 15(4), 343–355. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(79\)90043-X](https://doi.org/10.1016/0022-1031(79)90043-X)
- Sanbonmatsu, D. M., Sherman, S. J., & Hamilton, D. L. (1987). Illusory correlation in the perception of individuals and groups. *Social Cognition*, 5(1), 1-25.
- Sherman, S. J., Castelli, L., & Hamilton, D. L. (2002). The spontaneous use of a group typology as an organizing principle in memory. *Journal of personality and social psychology*, 82(3), 328–342.
- Stern, L. D., Marrs, S., Millar, M. G., & Cole, E. (1984). Processing time and the recall of inconsistent and consistent behaviors of individuals and groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(2), 253.

- Susskind, J., Maurer, K., Thakkar, V., Hamilton, D. L., & Sherman, J. W. (1999).
Perceiving individuals and groups: Expectancies, dispositional inferences, and
causal attributions. *Journal of personality and social psychology*, 76(2), 181.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G.
Austin & S. Worchel (Eds.) *The Social Psychology of Intergroup Relations*
(pp.7- 24.). Monterey C.A.: Brooks/Cole
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). Social categorization and
intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 1(2), 149-178.
- Turner, J. C. (1985). Social categorization and the self concept: A social cognitive
theory of group behaviour. In E. J. Lawler (Ed.) *Advances in group processes*
(pp.77-122). Greenwich: JSI Press.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S.
(1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil
Blackwell.
- Tversky, A., & Kahneman, D. Availability: A heuristic for judging frequency and
probability. *Cognitive Psychology*, 1973, 5, 207-232.

Anexo A – Fotografias (Estudo I)

Alta Entitatividade



Anexo A – Fotografias (Estudo I)

Baixa Entitatividade



Anexo B – Frases comportamentais (Estudo I)

Alta Entitatividade

- O Francisco não gosta de caminhar
- O Rui vê televisão 10 horas por dia
- O Paulo ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele
- O Nuno recusou conversar com um vizinho quando foi comprar o jornal
- O Pedro recusou recolher assinaturas para apoiar um candidato local
- O Vítor não assinou uma petição para a recandidatura do atual presidente da Câmara
- O Jorge foi eliminado do concurso de matemática na sua escola
- O Alberto não conseguiu escrever um poema para publicar no jornal literário

Baixa Entitatividade

- O António realizou 100 flexões e 100 abdominais antes de dormir
- O João teve uma aula de surf durante o fim de semana
- O Manuel foi a duas festas com amigos durante o fim de semana
- O Fernando organizou um churrasco em casa para os amigos
- O José escreveu uma carta para o presidente da junta sobre o problema do lixo na sua rua
- O Álvaro esteve a ver um debate televisivo entre candidatos à Câmara Municipal
- O Joaquim ganhou um torneio de xadrez das freguesias da cidade
- O Alexandre está a construir o seu próprio computador, tendo comprado para isso todos os componentes

Anexo C – Instrução de formação de impressão (Estudo I)

Os participantes viam uma de duas instruções:

Alvo no Bairro

O Núcleo de Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a realizar um estudo com o objetivo de compreender como é que as pessoas formam as primeiras impressões sobre bairros.

Vai começar por ver um conjunto de fotos de um bairro, e em seguida serão apresentadas um conjunto de afirmações que descrevem comportamentos realizados pelos residentes desse bairro.

Assim, pedimos-lhe que **FORME UMA IMPRESSÃO do BAIRRO.**

Ou

Alvo nos Habitantes

O Núcleo de Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, está a realizar um estudo com o objetivo de compreender como é que as pessoas formam as primeiras impressões sobre bairros.

Vai começar por ver um conjunto de fotos de um bairro, e em seguida serão apresentadas um conjunto de afirmações que descrevem comportamentos realizados pelos residentes desse bairro.

Assim, pedimos-lhe que **FORME UMA IMPRESSÃO dos HABITANTES DO BAIRRO.**

Anexo D – Escalas de Avaliação (Estudo I)

Características dos HABITANTES e Confiança na resposta

As repostas eram dadas de acordo com uma escala de Likert de 7 pontos, em que 1= “Nenhum” e 7= “Muitíssimo”

Em média, qual acha que é o nível de inteligência dos residentes do Bairro?

Qual é o seu grau de confiança relativamente ao nível de inteligência dos residentes do Bairro?

Em média, qual acha que é o nível de desportivismo dos residentes do Bairro?

Qual é o seu grau de confiança relativamente ao nível de desportivismo dos residentes do Bairro?

Em média, qual acha que é o nível de ativismo político dos residentes do Bairro?

Qual é o seu grau de confiança relativamente ao nível de ativismo político dos residentes do Bairro?

Em média, qual acha que é o nível de sociabilidade dos residentes do Bairro?

Qual é o seu grau de confiança relativamente ao nível de sociabilidade dos residentes do Bairro?

Anexo D – Escalas de Avaliação (Estudo I)

Características do GRUPO

As repostas eram dadas de acordo com uma escala de Likert de 9 pontos, em que 1= “Nada” e 9= “Extremamente”

Em que medida podem os residentes deste BAIRRO ser qualificados como um grupo?

Em que medida pensa que os residentes deste BAIRRO sentem que fazem parte do seu bairro?

Em que medida é que o grupo dos residentes do BAIRRO é coeso?

Em que medida é que o grupo dos residentes do BAIRRO é organizado?

Quanta unidade é que acha que os membros deste BAIRRO sentem?

Quanto é que acha que os membros deste BAIRRO interagem entre si?

Em que medida os residentes deste BAIRRO são interdependentes?

Em que medida a pertença ao BAIRRO é importante para os seus membros?

Anexo D – Escalas de Avaliação (Estudo I)

Características do BAIRRO

As repostas eram dadas de acordo com uma escala de Likert de 9 pontos, em que 1 correspondia ao extremo da característica apresentada à esquerda e 9 ao extremo da característica apresentada à direita

Moderno – Tradicional

Muito funcional – Nada funcional

Muito organizado – Nada organizado

Planeado – Não Planeado

Rico – Pobre

Grande – Pequeno

Anexo E – Frases apresentadas (Estudo II)

O Pedro, que vive em Chelas, comeu um gelado e ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.

O António, que vive em Chelas, usou o elevador e ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.

O José, que vive em Chelas, ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele e comeu um gelado.

O Raul, que vive em Chelas, ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele e usou o elevador.

O Simão, que vive em Chelas, sentou-se no sofá e ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.

O João, que vive em Chelas, ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele e ganhou um torneio de xadrez na freguesia.

O Francisco, que vive em Chelas, comeu um gelado e vê televisão dez horas por dia.

O Afonso, que vive em Chelas, vê televisão dez horas por dia e comeu um gelado.

O Gabriel, que vive em Chelas, vê televisão dez horas por dia e sentou-se no sofá.

O Duarte, que vive em Chelas, ganhou um torneio de xadrez na freguesia e vê televisão dez horas por dia.

O Miguel, que vive em Chelas, usou o elevador e comeu um gelado.

O Rodrigo, que vive em Chelas, comeu um gelado e usou o elevador.

O Tomás, que vive no Parque das Nações, guardou as chaves no bolso e teve uma aula de surf durante o fim de semana.

O Tiago, que vive no Parque das Nações, sentou-se no sofá e teve uma aula de surf durante o fim de semana.

O André, que vive no Parque das Nações, teve uma aula de surf durante o fim de semana e guardou as chaves no bolso.

O Diogo, que vive no Parque das Nações, teve uma aula de surf durante o fim de semana e sentou-se no sofá.

O David, que vive no Parque das Nações, usou o elevador e teve uma aula de surf durante o fim de semana.

O Alexandre, que vive no Parque das Nações, teve uma aula de surf durante o fim de semana e vê televisão dez horas por dia.

O Armando, que vive no Parque das Nações, guardou as chaves no bolso e ganhou um torneio de xadrez na freguesia.

O Augusto, que vive no Parque das Nações, ganhou um torneio de xadrez na freguesia e guardou as chaves no bolso.

O Bruno, que vive no Parque das Nações, ganhou um torneio de xadrez na freguesia e usou o elevador.

O Luís, que vive no Parque das Nações, vê televisão dez horas por dia e ganhou um torneio de xadrez na freguesia.

O Rafael, que vive no Parque das Nações, guardou as chaves no bolso e sentou-se no sofá.

O Carlos, que vive no Parque das Nações, sentou-se no sofá e guardou as chaves no bolso.

Anexo F – Instruções Experimentais (Estudo II)

Instrução inicial

Neste estudo pretendemos investigar como processamos informação social.

De seguida vão surgir várias frases que descrevem comportamentos.

Pedimos que esteja atento.

Instruções para estimativas de frequência

As frases que acabou de ler, descrevem membros de dois bairros. No conjunto de 24 frases, existiam 8 frases descrevendo membros de um determinado bairro.

A seguir encontram-se listados alguns comportamentos descritos nas frases que leu.

Por favor, indique a seguir, quantas vezes cada um destes comportamentos descreveu cada um dos bairros nas frases que acabou de ler.

Anexo G – Folha de Estimativas de Resposta (Estudo II)

Bairro de Chelas

Por favor, indique a seguir, quantas vezes cada um destes comportamentos descreveu o grupo de Chelas nas frases que acabou de ler.

Comeu um gelado.

Ganhou um torneio de xadrez na freguesia.

Guardou as chaves no bolso.

Ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.

Sentou-se no sofá.

Teve uma aula de surf durante o fim de semana.

Usou o elevador.

Vê televisão dez horas por dia.

Bairro do Parque das Nações

Por favor, indique a seguir, quantas vezes cada um destes comportamentos descreveu o grupo do Parque das Nações nas frases que acabou de ler.

Comeu um gelado.

Ganhou um torneio de xadrez na freguesia.

Guardou as chaves no bolso.

Ignorou um amigo que queria discutir um problema com ele.

Sentou-se no sofá.

Teve uma aula de surf durante o fim de semana.

Usou o elevador.

Vê televisão dez horas por dia.

Anexo H – Consentimento Informado (Estudos I e II)

Bem-vindo (a)

O presente estudo é realizado no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Cognição Social Aplicada da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, pela aluna Raquel Teixeira com orientação do Professor Doutor José Manuel Palma-Oliveira com objetivo de avaliar a sua perceção sobre comportamentos de habitantes de alguns bairros de Lisboa.

Ser-lhe-á pedido que leia atentamente as frases que aparecerão no ecrã e responder a algumas questões no final.

O estudo demorará cerca de 20 minutos.

A sua participação nesta investigação é voluntária. Tem o direito de se retirar em qualquer momento durante o estudo, por qualquer razão e sem qualquer prejuízo. As suas respostas serão mantidas em confidencialidade e anonimato.

Se desejar entrar em contacto com o Investigador Principal do estudo para discutir esta investigação, envie um e-mail para raquel-teixeira@campus.ul.pt e jpalma-oliveira@psicologia.ulisboa.pt.

Ao clicar no botão abaixo, reconhece que a sua participação no estudo é voluntária, que tem 18 anos de idade e que tem conhecimento que pode escolher terminar a sua participação neste estudo em qualquer momento e por qualquer razão.

Aceito participar: ____

Não aceito participar: ____